

Hilda Hilst

RÚTILOS

Obras reunidas de Hilda Hilst
Organização e plano de edição:
Alcir Pécora

PROSA: A OBSCENA SENHORA D/ CARTAS DE UM SEDU-
TOR/ KADOSH/ CONTOS D'ESCARNIO. TEXTOS GROTES-
COS/ FLUXO-FLOEMA/ RÚTILOS/ TU NÃO TE MOVES DE
TI/ O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY/ COM OS MEUS
OLHOS DE CÃO/ ESTAR SENDO. TER SIDO/ CASCOS E
CARÍCIAS. POESIA: JÚBILLO, MEMÓRIA, NOVICIADO DA
PAIXÃO/ BUFÓLICAS/ CANTARES/ EXERCÍCIOS/ DA
MORTE. ODES MÍNIMAS/ BALADAS/ DO DESEJO/ POE-
MAS MALDITOS, GOZOSOS E DEVOTOS.

Copyright © 2001 by Hilda Hilst

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Estabelecimento de texto: Ricardo Lísias

Cronologia e bibliografias: Edson Costa Duarte
e José Luís Mora Fuentes

Revisão: Ricardo Jensen de Oliveira

Normalização das bibliografias: Ronald Polito

Capa: inc. design editorial

Foto de capa: © David C. / Corbis

Foto de contracapa: © Eduardo Simões / *Cadernos de Literatura Brasileira* / Acervo do Instituto Moreira Salles

Autógrafo no miolo: Fundo Hilda Hilst / Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulálio" / Unicamp

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hilst, Hilda

Ritulos / Hilda Hilst : organização e plano de edição Alcir Pecora. – São Paulo : Globo, 2003. – (Obras reunidas de Hilda Hilst)

ISBN 85-250-3695-1

1. Ficção brasileira I. Título.

03-3838

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.91

Direitos de edição em língua portuguesa

adquiridos por Editora Globo S. A.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo, SP

www.globolivros.com.br

SUMÁRIO

Nota do organizador	7
PEQUENO DISCURSO. E UM GRANDE	
O projeto	15
Gestalt	21
Esboco	24
Teologia natural	29
Amável mas indomável	31
Ad majora nato sum	35
Vicioso Kadek	41
Lucas, Naim	44
Um câlido in extremis	53
O grande-pequeno Jazu	56
RÚTULO NADA	79
Obras publicadas de Hilda Hilst	105
Bibliografia selecionada de Hilda Hilst	110
Cronologia	121

NOTA DO ORGANIZADOR

PEQUENOS DISCURSOS. *E um grande* foi publicado pela Edições Quíron, em 1977, num volume intitulado *Fricções*, que trazia ainda *Qadós*, que Hilda Hilst prefere atualmente grafar *Kadosh*, mais *Fluxo-floema*. *Rútilo nada*, por sua vez, foi originariamente lançado pela Livraria e Editora Pontes, de Campinas, em 1993, num volume que incluía também os mais conhecidos *A obscura senhora D* e, novamente, *Qadós*, mas contendo agora apenas o conto homónimo e não o livro todo. Pois bem, quando apresentei a Hilda a hipótese de reunir em um só volume esses dois livros separados por mais de quinze anos de diferença que, ademais, nunca haviam tido publicação autónoma, achei que me faria argumentar um bocadinho a favor da hipótese. Entre meus papéis, bem preparado para a ocasião, trazia rascunhado vários bons motivos que me moveram a propor-lhe esse novo volume hilstiano. De nada me servi-

ram, contudo. Quando lhe anunciei o plano e a Mora Fuentes (o amigo, cujo nome coincide com o de uma das personagens do presente volume), Hilda não me perguntou nada a respeito de minhas razões, apenas pareceu pensar um tantinho para dar-me, quase em seguida, o título do novo volume: *Ráttilos*.

O que significava isso: que eu havia acertado em cheio na relação entre os textos? É o que eu gostaria que tivesse ocorrido. É mesmo, naquele instante, o que achei que tinha acontecido e que me fez vibrar como se eu houvesse feito uma genuína descoberta crítica. Depois, pensando melhor, não tive tanta certeza. Imagino que haja uma enorme possibilidade de que Hilda simplesmente não se tenha importado com as minhas hipóteses, engenhosas ou não, e apenas confiasse que os seus livros, estupendos, sempre falassem mais alto, inteiros, por si mesmos, seja lá o lugar em que se vissem metidos. Essa nova idéia, a princípio, decepcionou-me, mas confesso que não por muito tempo. Logo pensei que era melhor não descobrir nada, desde que, em compensação, também pouco corresse o risco de estragar algo tão precioso para mim mesmo quanto os textos de Hilda Hilst. Seja como for, ainda guardo comigo os argumentos rascunhados e sem uso a favor do presente volume. Se não precisei apresentá-los à autora, deixo-os depositados aqui, para quem quiser se dar ao trabalho de recolhê-los.

Pequenos discursos. E um grande é sobretudo um grupo de discursos no sentido político do termo, e as suas narrativas heterodoxas guardam traços de um gêne-

ro deliberativo. Querem discutir, por exemplo, a legitimidade de uma poesia radicalmente pessoal e livre numa época de tirania e, portanto, de injustiça radical, em que apenas a denúncia da opressão ou a das causas da revolta social parecem constituir-se como temas éticos ou responsáveis. Querem saber se há direito na construção de uma "casa do Sol", à imagem de uma imagem pessoalíssima de Deus, ou em morar no fundo de um poço seco com bosta a ouvir vozes interiores do além ou ainda em passar o tempo a treinar inúteis piruetas em um rato doméstico a que se tem amor. E até que ponto é legítimo ou ético esse amor insignificante?

Admitem esses discursos que, se fosse possível escolher, talvez escolhessem a igualdade, o comum, o tema seguro da poesia mais útil à ocasião, mas não conseguem convencer-se de que essa escolha pode ser feita: se, antes, a poesia não é um vício da diferença que um programa de resistência da comunidade. Ou ainda: se o programa de resistência da comunidade pode ser feito expurgando-se a singularidade irreduzível de seus membros, a parte-poesia mais inútil da república necessária.

Neste ponto, o discurso político admite também uma linha argumentativa, digamos, ao inverso, que está manifesta nas narrativas com as personagens de nome "Lucas" e seus derivados, como "Lucius", que estão presentes, como num diálogo continuado, tanto em *Pequenos discursos* quanto em *Ráttilo nada*. "Lucas" ou "Lucius Kod" são homens maduros, casados, com filhos, que, sem mais nem menos, apaixonam-se por homens muito mais

novos e que, por conta desse *amour fou* tardio, esquecem-se de todos os tabus ou obrigações de grupo, da família à nação. Terminam pagando o preço das relações socialmente intoleráveis com patetismo, humilhação e morte brutais. Há ética em ser tomado por uma tal paixão? Há moral ajustada ao desejo? Existe algo mais improvável de propor-se que um arbatamento desse tipo como uma política, seja ela qual for, mesmo uma política de resistência da paixão ou do desejo?

Ao permitir tais desdobramentos da questão anterior a respeito da ética "comunitária" invocada pelos temas da lírica no exílio ou sob regimes tirânicos, a reunião dos livros aqui proposta encontra seus principais argumentos. *Rútilo nada*, ao desenvolver os argumentos de "Lucas", permite compor uma visada mais abrangente das dúvidas políticas encenadas em *Pequenos discursos*. Assim, cabe perguntar: é legítimo tão radicalmente distinguir-se quando a distinção fere o senso comum da vida socialmente ajustada, o destino convenientemente acomodado à esquerda ou à direita? Uma vez aqui, parece justo dizer que, nesses livros, legitimidade e ética não bastam para pautar uma existência cuja destinação está basicamente fora de controle. Política, igualmente, não basta. Para Hilda, "poesia" ou "paixão" apenas podem dar nome a esse descontrolado, desde que não chegue a ser natural, e nem mesmo um programa de direitos da humanidade.

ALCIR PÉCORA

Professor de teoria literária na Unicamp

*Intensidade. Era apenas isso,
tudo o que eu sabia fazer.*

MORA FUENTES, *O cordeiro da casa*

PEQUENOS DISCURSOS.
E UM GRANDE

O PROJETO

HAMAT, EU HIRAM, quero construir a casa. Dentro de mim, sagrado descontentamento. Tu és minha mulher e o teu olho traduz desejo de eloquência. Sei que posso falar a noite inteira e esvaziar teus eternos conceitos, sei tudo o que tu és, veludosa e decente, redondez, fome do meu gesto, sei, Hamat, que vais dizer que se mudo de casa mudo de natureza, e que é inútil querer o real do meu espaço de dentro, sei que vais dizer que eu, homem político, devo permanecer junto aos homens, abrir e fechar constantemente as mandíbulas, sei quase tudo de ti, de mim sei nada, sei muito dessa palha que se chama aparência, sei nada dessa esquivia coisa entranhada no meu ser de dentro. Hamat: a memória e seus ossos, a torpe lucidez, minha viagem através dos retratos, eu e meu rei trocando segredos, ressonando espa-

ço-viuvez, e a cólera de saber que tudo me possui e ao mesmo tempo nada, que nada em mim é permanência, e tudo é permanência, vínculo, tudo se adere ao círculo, tudo é a mesma linha que se estende, tudo é tangente, tudo está colado a mim. Da mãe e do pai guardo minúcias, de ti, minha mãe, um amarelo-claro enrolado ao pescoço e descendo desmaiado pelo dorso, olho-água distorcendo a visão das hortênsias, o dourado dos cogumelos, os caramelos importados, e tu, meu pai, tua altura, magreza, teu olho duro, teu círculo de ouro, distanciamento e securra, teus papéis, teus livros, teu tesouro ser assim — que ninguém me perceba, não estou em casa, diga, Hiram, que desde ontem sumi e ainda não me achei, frivolidade e fadiga desta casa, tua mãe, Hiram, esse perfume-injúria pelas salas, senta aqui meu filho, que a tua relação com as mulheres seja breve, confidente de ti mesmo não mistures as fêmeas com teu todo austero, poupa a tua palavra, fecha a boca com as fêmeas, vai metendo, fêmeas e loucos se for preciso escolher não vacila, escolhe os dimentados, escolhe um homem quando te der a bambaça nas pernas, medo covardia nojo de existir, o choro que é do homem, porque a mulher não chora, Hiram, a mulher esfarela, e vai se abrindo se o homem emudece e se fecha, meu filho, se tu tagarelas — Perdoa, Hamat, quando falo dos meus, essa agressão de mim — Gostaria de ter nova síntese para todos os dados anteriores, gostaria de te dizer do secreto das palavras, um vir-a-conhecer sem o lustro de

agora, que eu dissesse, Hamat, Política Poder, e tu dissesse assim: isso quer dizer vida, e o melhor de ti mesmo no outro, não é isso, Hiram, Política Poder? E eu dissesse sim, é verdade.

Queria muito sorrir para alegrar teu momento, e mostrar meus dentes, morder teu peito, mistura Hiram-Sade, te fazer sangrar de gozo, de desgosto, te dar outra vez mil vezes minha magnificente dureza, ser lânguido e barroco, arabescos em cima do teu corpo, queria muito, Hamat, mas sou todo impotência na minha rombuda cabeça aqui de baixo, porque há mais volúpia em pensar na esquivia coisa do meu ser de dentro, que me estender ao teu lado, Hamat, e te amar. Me estender ao teu lado, ordenar-me, dizer que à noite sou teu e mentira, meu tecido escondido, umbroso, meu ídolo sem nome, minha pergunta sem resposta em nenhum livro, e tua boca muitíssimo dulcorosa, meu ciclo de vida, de poesia, plantado em tua boca, envenenado, húnus de outra boca é o que se faz preciso, Hiram, não é de ninguém, nem de seu povo, nem de sua língua que não diz a palavra. Hamat, a casa. Cresce, se faz continente, chega a ter um espaço que não me pertence, não há mais sabor nos triunfos, na construção de estradas, devo deter-me, espiar o poço, dizer a mim: Hiram, não é verdade que nunca desceste?

Eu não sou teu, Hamat, porque antes de ti fez-se o sopro de Alguém sobre o meu corpo, e muitas vezes pensei que já nasci maduro e triste e perfeito para mor-

rer porque as coisas em mim sabem do seu destino adulto, as coisas em mim não são coisas-meninas, surgem na mão, prontas para serem colhidas. É bom chamar Hakan, Herot, Hemiú, e dizer-lhes que eu, Hiram, quero construir a casa. Alicerce de pedra porque o chão é de areia, e matéria alvinitente para espelhar o grande sol de dentro. É no deserto sim, Herot, e vais ter medo. Mas teu corpo que pode amar a Deus vai amar todas as coisas, vento, areia sobre a tua cara, teu manto negro, a gordura que será preciso espalhar pela carne, deves untar tudo, luzir oleosidade. E tu, Hakan, traz teu compasso, teu esquadro, teus números, tua santa geometria. E tu, Hemin, meu filho, vais fazer parte de um tempo que não é o teu, exercício imprudente, legado que pode te tornar idiota ou sábio. Meu corpo absorveu o mundo, a cada manhã ele recria piedade e justiça, assimila e pranteia dores, e Herot em mim não me traz alegria.

Herot: nem posso. Tocas a mulher, Hiram, e pensas no esgarçado do Tempo, tocas e não sentes a carne de Hamat, o que vês é a tua própria mão, e contas os teus dedos, elaboras matemática e poesia, são cinco, e cinco os meus sentidos, e dez os dedos das mãos e vinte todos os dedos, e dividido que sou em três, cabeça tronco e membros, como posso ser um e dar de mim, se de tudo o que sou não conheço o segredo? Para sentir a carne, Hiram, é preciso sorver o que se vê, ceifar o que se conhece, arranca teu desejo de perenidade, de querer

existir antes, desde sempre, e depois no infinito, pensa que

Penso sim, que sou muito menos, Hamat, estendido ao teu lado, sou menos, vou te dizer porque: devo esquecer tudo o que aprendi para te ver um corpo e me dizer – esta é Mulher, não Hamat, esta é uma fêmea que não sabe de si mas que tem cheiro e gosto, e vai me dar seu gozo, e eu Hiram vou ter o meu, e juntos somos apenas dois corpos, corpo de um que é o meu, corpo de outra o teu, e assim devo te conhecer, sem formular perguntas, cindido, que eu não saiba que és tu Hamat, que eu não me saiba Hiram, contorno nítido, singular juízo, inflamante e extenso diálogo político – Hemin: pai, não quero ir. Casa? Temos uma. E tu que tens teu povo, teu rei, como podes pensar em viagem e deserto? Tudo isso é fantasia do pai. Ando pensando se não seria melhor conhecer a cada dia mais teu outro. E outra coisa: o rei tem mais olhos para Hamat que para a verdade. Enquanto to sonhas o deserto, ele sonha teus linhos, tua mulher. Teu claro céu aberto é para o rei sombra e substância de um quarto. Tu te imaginas ao sol. E ele se imagina na penumbra, com Hamat, a sós.

O rei, repressão, corpo. O rei, sepultura do povo. Cochicho em seus ouvidos: meu rei, não será para sempre teu envoltório de gozo, um dia a garra do teu povo se alonga até a garganta e rasga a lâmina metálica que tu colocaste. Fecundo e odioso pode ser o grito de quem jamais ouviu sua própria palavra, experimenta, meu rei,

repetir FAÇA FAÇA, mentalmente desenhá-la, FAÇA FAÇA e pensa numa bota sobre a tua cara, FAÇA FAÇA, e a tua boca de sangue, e de repente ao teu alcance o instrumento de aço. Não te tornarás inteiro fogo e agressor? FAÇA, meu rei, palavra que dirá teu povo, com a mesma volúpia com que dizes amor. E com a mesma inflexão dos justos. Eu, Hiram, vou construir a casa. Dentro de mim, sagrado descontentamento

GESTALT

ABSORTO, CENTRADO NO NÓ das trigonometrias, meditando múltiplos quadriláteros, centrado ele mesmo no quadrado do quarto, as superfícies de cal, os triângulos de acrílico, suspensos no espaço por uns fios finos os polígonos, Isaiiah, o matemático, sobrolho peluginoso, inquietou-se quando descobriu o porco. Escuro, mole, seu liso, nas coxas diminutos enrugados, existindo aos roncões, e em curtas corridas gordas, desajeitadas, o ser do porco estava ali. E porque o porco efetivamente estava ali, pensá-lo parecia lógico a Isaiiah, e começou pensando spinozismos: “de coisas que nada tenham em comum entre si, uma não pode ser causa da outra.” Mas aos poucos, reolhando com apetência pensante, focinhez e escuros do porco, considerou inadequado para o seu próprio instante o Spinoza citado aí de cima,

acercou-se, e de cócoras, de olho-agudez, ensaiou pequenas frases tortas, memorioso: se é que estás aqui, dentro da minha evidência, neste quarto, atuando na minha própria circunstância, e efetivamente estás e atuas, dize-me por quê. Nas quatro patas um esticado muito teso, nos moles da garganta pequeninos ruídos gorgulhantes, o porco de Isaiiah absteve-se de responder tais rigorismos, mas focinhou de Isaiiah os sapatos, encostou nádegas e ancas com alguma timidez e quando o homem tentou alisá-lo como se faz aos gatos, aos cachorros, disparou outra vez num corre gordo, desajeitado, e de lá do outro canto novamente um esticado muito teso e pequeninos ruídos gorgulhantes. Bem, está aí. Milho, batatas, uma lata de água, e sinto muito o não haver terra para o teu mergulho mais fundo, de focinhez. Retomou algarismos, figuras, hipóteses, progressões, anotava seus cálculos com tinta roxa, cerimoniosa, canônica, limpo bispal Isaiiah limpou dejetos do porco, muito sóbrio, humilde, sóbrio agora também o porco um pouco triste esfregando-se nos cantos, um agudoternura nos dois olhos, e por isso Isaiiah lembrou-se de si mesmo, menino, e do lamento do pai olhando-o: immer krank parece, immer krank, sempre doente parece, sempre doente, é o que pai dizia na sua língua. É doença não é, Hilde? Hilde, sua mãe, sorria, Ach nem, é pequeno, é criança, e quando ainda somos assim, sempre de alguma coisa temos medo, não é doença Karl, é medo. Isaiiah foi adocçando a voz, vou te dar um nome,

vem aqui, não te farei mais perguntas, vem, e ele veio, o porco, a anca tremulosa roçou as canelas de Isaiiah, Isaiiah agachou-se, redondo de afago foi amornando a lisura do couro, e mimos e falas, e então descobriu que era uma porca o porco. Devo dizer-lhes que em contentamento conviveu com Hilde a vida inteira. Deu-lhe o nome da mãe em homenagem àquela frase remota: sempre de alguma coisa temos medo. E na manhã de um domingo celebrou espousais. Um parêntese devo me permitir antes de terminar: Isaiiah foi plena, visceral, lindamente feliz. Hilde também.

ESBOÇO

QUE O PENSAR DOS OUTROS e o meu próprio pensar, que também o que se via, e sentimentos, atos, e o que me circundava, a mim, e aos outros, era apenas Esboço, foi a única nitidez que consegui expelir em toda a vida esboçada. Por isso, a tudo o que diziam, eu repetia Esboço. Inimitável, eu mesmo, Riolo, ria muito depois de repetir infundáveis Esboço. A cólera de tantos, da mulher também, dos filhos, dos amigos fez com que eu risse menos, e em muitas tardes quando me doía esse pra frente repuxar da boca quando dizemos esboço, eu chorava de uma dor gerida mas ainda esboçada, Riolo, meu Deus, como foi que te fizeram compreender um muito longe de ti, antes afastado, um ponto luzoso no vazio do espaço? Ele caduca, quer nos matar, faz-se de bobo, está louco, e eu de joelhos escrevia nos papéis

amarelos Parem Parem, e repetia intermináveis Esboço. Como não perceberam o que eu, Riolo, percebi? E por que para mim foi desenhado, como se um fio de prata sozinho se torcesse, uns diagramas perfeitos redizendo: Riolo, o em ti, o para os outros, nos outros, na treva da tua víscera, no que denominas luz ou seu avesso, apenas isto, Riolo, Esboço. Torci-me muito de gozo assim que compreendi, mas aos poucos fui emitindo um grunhir quente, pesado, um ranger de todos os Riolos, dentes alguns e muitos outros feitos de eloquência e bem por isso mais loucos, cegos alguns, surdos, outros de córnea matutina, de bom labirinto, ah que perfeito labirinto o deste ouvido, nem por isso menos cegos menos surdos esses de boa córnea, de eccante labirinto. Guinchos pequeninos nuns descansos do grunhir fizeram com que a mulher me sacudisse, ela nuns gritos claros RIÓÓÓÓ e depois ferverilhante, apressada, guizo na ladeira despencando, centenas de palavras atulhando o buraco do meu ouvido diz o que é desenha a óleo a guache ponta-seca a lápis, cospe mas desenha que coisa deu em ti, éramos felizes não éramos? eras feliz, não eras? tens filhos, amigos, Riolo, esboça o teu esboço, chamo o Mora? Eu digo Esboço. Mora Fuentes, o mais amigo, o único que parece suspeitar porque eu o digo, começa: quantos anos tem a Terra? quatro bilhões de anos ele mesmo responde, pois é, e todo esse tempo a gente não era, não é Riolo? Esboço. Ele diz pois é, e ainda assim o que eu digo, o Mora continua, pode não

ser verdade, talvez éramos em algum outro lugar, algum outro tempo, tempo? espaço? espaço-tempo? e como é que nós éramos quando não éramos, ou quando sim, lá onde não se sabe? Riolo-Mora. Duas fontes. Uma, de dois nomes. Ainda assim devo repetir Esboço. Antes acreditava que o à minha volta era não só perceptível mas podia ser pungente ou efusivo, musical dentro do pungitivo, Riolo acreditava que havia realidade em visões e sentires, também por isso acreditava que havia logicismo, harmonia, sensatez na cadeia de palavras, no fio de meia, na velha harpa. Toca, diz a mulher. Dedilha. A harpa na minha cara. Os dois filhos babões, prancha de praia, as nádegas tostadas, os miolos também, toca pai, antes tocavas. E sentado, mínimo, digo Esboço, porque ainda que eu quisesse regressar não quero, a fricção do outro habitante, o que conheceu comigo as contorções do fio de prata, faz com que Riolo estale de centelhas, estou dentro do fogo, vejo novo, estalado dou guinchos, os pequeninos, rio um pouco, reflexivo-nante bosquejo largo no vazio, emito acordes curtos, suspensos, e fundas escalas saídas da raiz de uma funda medula

meu Deus, ele grunhe
dorme quem sabe, mãe
idiota, ele morre

Digo Esboço baixinho, escrevo Parem, parecem não compreender que as muitas falas, as contínuas bicadas, ferem o topo do meu alto osso, falam acima da minha

cabeca, mais mínimo, curvado, repetindo Esboço, exa-mino-lhes pés e sandálias, dedões azulados da mulher, unha quadrada dos meninões, meus filhos, a tábua branca colada ao corpo, como todas as manhãs vão à praia torcendo alongando coxas quadris e dorso, irão eternamente à praia, um borbulhar de águas também nas embaçadas almas. Riolo-mulher que coabita em mim, sabe que os pariu, repete Esboço, e menos informada porque carrega sacos de pedra há milênios sobre as omoplatas, adjetiva grosso: filhos esboço da puta que os pariu, menos formal, Riolo-mulher. Língua-lixa de sal, sabe que pariu os salerosos, dois bamboleios aguados, para isso foi preciso vida inteira e atos, para que existam assim exatos como estão, encharcados de oco, oco sem o eco vitorioso das descobertas, água oco sal, filhos os dois, de mim, segregando vaidade, para que existam assim exatos como estão encharcados de oco, Riolo-mulher trançou sua alma num cotidiano de incoerências, num falar falacioso, pretendeu delírio e sagrado muitas vezes contando o antigo dos fatos, olhou os olhos vazios das suas duas estátuas, momismos, e Riolo-mulher pergunta: tudo isso há? Isso à volta, filhos, mulher, casa, há? Turvez de onde, de que Riolo antepassado? O meu estar aqui, escolhido por mim, roteiro de penitência, chega a seu termo nos meus quase sessenta por que vi o Esboço? Ou agora é que começa? Riolo, agora, agora é que começa a ânsia de um traçado claro, recuso-me palavra, ato, ira ou afago porque em todos

esses concretos acrescentarei outros Riolos justapostos, não quero, mais oco mais água e sal descarnando as feridas, Esboço Esboço grunhidos guinchos, tiro a lua do lago, que queentura no peito, que mornidão nos pés voltamos da praia, mãe
o pai de vocês, no mesmo estado e se ele esboçasse o tal esboço?
já tentei
tenta outra vez, mãe, papel e lápis e cara de ameaça
Entram na sala os três, eu recostado, a lua me adoçando as pálpebras, levantom-me aos trancos
vais desenhar, Riolo, nem que eu morra, vais desenhar o que tu queres dizer com a maldita palavra
anda, pai, faz força, toma
Olho as três caras, ah, Riolo, nunca mais amornado e perfeito em reflexiva e opulenta fruição, obedeço, faço uma linha fina que me parece trêmula, paro, não, não estão satisfeitos, estendo em altura finura e tremulez, me parece linha muito delicada, olham abestados, dizem dura, eu digo Esboço, e calo-me desta vez para sempre, recosto-me de novo, palor e paraíso-mudez na minha sala.

TEOLOGIA NATURAL

A CARA DO FUTURO ELE NÃO VIA. A vida, arremedo de nada. Então ficou pensando em ocos de cara, cegueira, mão corroída e pés, tudo seria comido pelo sal, branca esticada da maldita, salgadura danada, infernosa salina, pensou óculos luvras galochas, ficou pensando vender o que, Tiô inteiro afundado numa cintilância, carne-de-sol era ele, seco salgado espichado, e a cara-carne do futuro onde é que estava? Sonhava-se adoçado, corpo de melação, melhorança se conseguisse comprar os apertrechos, vende uma coisa, Tiô. Que coisa? Na cidade tem gente que compra até bosta embrulhada, se levasse concha, ostra, ah mas o pé não agüentava o dia inteiro na salina e ainda de noite à beira d'água salgada, no crespo da pedra, nas facas onde moravam as ostras. Entrou na casa. Secura, vaziez, num canto ela espiava e

roía uns duros no molhado da boca, não era uma rata não, era tudo o que Tiô possuía, espiando agora os singulares atos do filho, Tiô encharcando uns trapos, enchendo as mãos de cinza, se eu te esfrego direito tu branqueia um pouco e fica linda, te vendo lá, e um dia te compro de novo, macieza na língua foi falando espagado, sem ganchos, te vendo, agora as costas, vira, agora limpa tu mesma a barriga, eu me viro e tu esfrega os teus meios; enquanto limpas teu fundo pego um punhado de amoras, agora chega, espalhamos com cuidado essa massa vermelha na tua cara, na bochecha, no beijo, te estica mais pra esconder a corcova, óculos luvas galochas é tudo o que eu preciso, se compram tudo devem comprar a ti lá na cidade, depois te busco, e espanadas, cuidados, sopros no franzido da cara, nos cabelos, voltando a velha, examinando-a como faria exímio conhecedor de mães, sonhado comprador, Tiô amarrô às costas numas cordas velhas, tudo o que possuía, muda, pequena, delicada, um tico de mãe, e sorria muito enquanto caminhava.

AMÁVEL MAS INDOMÁVEL

A Carnilo e Ernesto

SE SABIA HOMEM-POETA, de uns côncavos de musgo e de prodigioso eco, à noite ele esperava que a lua habitasse o papel, poderia ter sido lenhador, não o que abate mas o que acaricia, lenhador-amante, homem de amor, Lih, inútil também porque ainda que os olhos tivessem conhecido o de dentro dos jacintos e coisas inomináveis e flagelos, difícil se fazia traduzir para o outro, conhecimento, ciência maior, compaixão, espectro junto de Lih, imantado de luar escrevia: é lícito cantar de amor quando o rei é cruel em seu reinado? Se o canto das gentes se juntasse à audácia fremente do meu canto, talvez o rei cruel nem mais reinasse. E começou a cantar esses versos numa guitarra escura, uns nasais de dentro, e outros sons mais fundos de timbre amolecido

e uns mais agudos, miniatura tensa tecida de consoantes e de vogais do rei. Os outros:
de que rei é que falas?
o rei não é o mais alto?
não são reais as ações do rei?
a luz que sai do ouro não é ouro?
é ouro se vive na podridão dos canais?
é rei ainda se na miséria nunca se demora?
é rei se foge de nós?

Esses que perguntavam, esses que muitos chamavam "essa gente", Lih tocava-lhes as mãos queimadas de miséria, esqueceram-se do corpo? perguntava, se eu digo mesa de que é que te lembras? de vazia, respondiam todos. Mesa vazia do povo. Crescendo nuns contraltos foi cantando, os pés nos alagados, suspendeu a alma e a guitarra, repetiu versos de Lu, peregrina encantada, muito irmã:

"Homens cercados de águas
por todos os lados:
perfis Alagados.

Numa vida em que o futuro
não é o primeiro rumo,
lá em alagados."¹

Futuro lhes dizia, como um fruto minha gente, olhem, e arredondava as mãos, não é de ouro, não é duro, é

1. Lupe Cotrim Garaude, *Poemas ao outro*.

fruto de carne que deve ser comprimido junto ao coração, se esse fruto-futuro se colar à tua carne, vão nascer palavras aí de dentro, extensas, pesadas, muitas palavras, construção e muro, e adagas dentro da pedra, sobretudo palavras antes de usares a adaga, metal algum pode brilhar tão horizonte, tão comprido e fundo, metal algum pode cavar mais do que a pá da palavra, e poderás lavar, corroer ou cinzelar numa medida justa. Tua palavra, a de vocês muitas palavras pode quebrar muitos bastões de ágata, enterra então brilhaos antigos, mata também o opressor que te habita, esmaga-o se ele tentar emergir desse fruto de carne, nasce de novo, entregate ao outro. Versos de Lu, cantoria e veios velhos da terra renascendo em lava, de Lih, foram escutados longe, nuns esquecidos de mundo, nuns charcos, nuns imundos barrancos, no barraco de esteira e barro de tantos, perguntas com a cor rebrilhosa das estrelas, é rei se foge de nós? é rei ainda se na miséria nunca se demonstra? e estribilhos novos: é rei se não chora conosco? se não morre com seu povo? Lih de todos, foi ensinando Nome, Lume, vê que bonito, Nome, Lume, vê que feio Fome, nome de mim José João, nome de planta alecrim, Fome, nome do escuro da tripa, não te quero nem pra ele nem pra mim. Luz do meu nome, sem esse escuro da fome. Quiseram ver o rei, lavaram-se, Lih enfeitou com flores a guitarra, se cantassem para o rei, cerimóniosos, afinados, se martelassem sonoros todas as palavras, se Lih discursasse, então limpou a garganta, ensaiou

exercícios, cantou palavras loucas, pedregosas, exercitava-se assim: se eu falar em reis assírios/ acenderás os círios/ boquiaberto, lento de sisudez/ pensarás tâmara do rei, lustros, antecâmara/ repetirás comigo/ rei assírio, rica insensatez/. Pedras de ponta na língua para dizer o redondo depois, diante do rei. Se não for estudado o torcido das palavras, aquelas que nasceram limpas nunca serão por ti pronunciadas com a mesma limpidez com que nasceram. Se tu repetes amor, sofre antes a vida. Lih de todos, no percurso, convidou pássaros e gentes, “essa gente”, repartiram arroz e grãos, e uma tarde diante do rei cantaram com a voz das sementes. Mas ao redor de reis há sempre um corpo amedalhado, metais e botas, rigidez e cercados, farpas, facas, e orelhas rasas distorcendo o fundo das palavras, e o canto de Lih ouvido por esse Corpo Tosco se assemelhou a taturanas dentro de um cubo d’água, amarelos e pretos agigantados, pêlos, e coisa-injúria e veneno e ameaça. No fim da tarde, o Tosco espelhou-se no sangue de todos que cantaram. O Tosco, ereto sim, mas eternamente porco. Os ventos trazem a cada ciclo o aroma de Lih junto a “essa gente”, ensaiam uns nasais de dentro, um munitório-memória, exercitam-se duros agora para a grande batalha.

AD MAJORA NATO SUM

a Mora Fuentes

COMO ME QUEIMA O PERDÊ-LA/ Agora que há de quemar-me a vida inteira.

Constrangido porque os versos pareciam não me pertencer, impotente porque não poderia destruí-los, rasgá-los para que, se já estavam cravados, fixos, fundamentais até para o meu próprio equilíbrio, há anos que eu construía pequenos nadas, roldanas, atalhos na madeira, flores mínimas de um papel estufado, puxava-se o barbante e a geringonça toda funcionava, recipiente de um dedo d’água, roldana movendo-se e milímetros de água corriam pelo atalho, molhavam as flores sim e ao mesmo tempo pendiam desoladas essas de pétalas estreitas, ocre, e sementes vermelhas. Pra que isso? Pra nada, funciona, não vê? Na noite em que terminei

um pequeno boneco de asas, subindo e descendo sobre umas colinas de duro papel e um pouco de cimento, surgiram os versos. De onde? Anotei-os, depois envolvi cada palavra em chamas polpudas, cor de laranja, fiquei olhando. De onde? E por que não me veio um desdobramento de dentro mais prático, político, porque era isso que eu ouvira a vida inteira de todos, por que não te vem aí de dentro um expressar-se mais prático, político, por que não te vem um fincar na madeira fomebotas ditadura? Eu respondia não sei. Contestar, diziam, é o único que importa e tu ficas aí molhando coisas mortas, sobrevoando. É de amor o verso, posso dizer se me disserem praquê. E tu amas? Bem, alguém em mim ama essa a tal ponto que se perdê-la há de queimar-se a vida inteira. É um dedutivo forte, não é? Enfim, toma posição o homem aí. Fundamental para o meu próprio equilíbrio porque alguém em mim dispunha-se a derreter-se por amor de alguém. Dias fiquei olhando, se eu encaixasse quem sabe a palavra liberdade, mas não, liberdade, como me queima o perdê-la, agora que há de queimar-me a vida inteira, mas não, isso faria supor que só a partir de um agora eu dava real valor à liberdade, asnalhice diriam, é sim, eu diria. Encharcar de praticidade tarefas e dizeres, meu amigo h descobriu um dia um dizer-posição, disse: política é dar vida a todos, os políticos não entenderam nada, h queria reverência funda pela vida, e os canalhas diziam quê? quê? vida a todos? tira o poeta daí. Matou-se repetindo: vida a todos, tão

claro, não entenderam é? Quem me vê a mim, vê meu Pai, também não entenderam, quem me vê a mim, vê o quê? Construção-geringonça, verso anódino, para me fazerentender essencial seria transformar-me num imenso lagar, pisoteado amassado, as tripas de fora, na mão dos correligionários, o sangue desse aqui, estão vendo? Sim, veriam, como vêem a cada dia o sangue de muitos, e quê? Para que vissem certo virtualidade da tripa, idéia coesa ao sangue, antes na alma um retorno, gongo-duração, curva-te homem olha o teu umbigo gonn, claro, mata a tua fome mas olha o teu umbigo gonn, claro come mas curva-te homem diante de ti mesmo gonn, come sim mas por favor dá vida a essa tua minha de pétala estreita e semente vermelha, de que adianta regar a tua alma se ela já está morta? Meus versos devern servir aos do outro lado, perdeste a alma? Ah, sim, como me queima o perdê-la/ agora que há de queimar-me a vida inteira. Por isso quem sabe envolvi cada palavra na chama cor de laranja, pena então que os versos só consigam vigor e adequação quando enfim já para nada servem. Os do outro lado entendem quando sobrevoô colinas de duro papel e de cimento, sobrevoô a Terra, pretendo afastar-me e ainda não posso, os meus fazeres mínimos talvez dêem seqüência a uma vida desjuntada como a minha, hoje veio à casa uma jovem senhora, carregada de modismos, de nada, olhou as geringonças, disse puro, eu disse o quê, senhora? Puros, sem macula peccati

o quê, senhora?
sem a mancha do pecado
quem?

seus artefatos, suas doces esculturas

Macula peccati, puro, artefatos, doces esculturas, olhei-a, olho bastardo meu olhando o corpo que possui essa linguagem, ou linguagem dona desse corpo, rotija um e cinquenta e cinco, boca de Sarita, aquela de violetas e cestas, dorso das mãos fofo, dentes pequeninos, devo dizer alhures diante dela, alhures fica bem, na minha sala diante dela, alhures entre eu-geringonça e esta jovem senhora, alhures o meu corpo todos estes anos, onde? Haurir también fica bem. Alhures haurindo manás do Alto, meu Deus, como fica bem, isso mesmo todos estes anos o meu corpo, não toquei mais ninguém, e recusando corpo recusei-me todo, este à minha frente tão sobreponível, sobre Sarita penso minha magreza meus ossos, meus dedos reunidos no fundo de seus fofos, começo encantamento, discreto pavoneio-me, em solidão, senhora, faz-se uns nadadas, alhures há certamente alguém fazendo muito, haurindo realezas da companhia vossa, um rei, não é, senhora? Disse: ninguém. Tocou minhas flores, ocreas, de sementes vermelhas, colei-me vagaroso prudente refinado às suas costas, tomando-lhe a mão fiz com que seus dedinhos roçassem os atalhos da minha geringonça, e depois se molhassem dentro do que ela diz doce escultura, mais doce eu disse deve ser a boca de quem pensa docura, babaquices tamanhas terminaram

numa fornicar aguoso, demorado, meu corpo ria uma implosão de gozo, pensei porque ainda me cabia, pensei se fosse muda e nunca mais voltasse à minha cama, então quem sabe como me queima o perdê-la/ agora que há de queimar-me a vida inteira. Não é muda. Discorre inocências, é a primeira vez me diz, fala alfinetes, aquarrelas, pendores, mácula nenhuma no lençol, então digo mancha nenhuma, antiquado pergunto se não é verdade isso do bravo sangue virginal porque de virgens, Sarita, só sei das onze mil e assim mesmo pouco, aí disseria contornos formas complacências, absolutamente douto fico sabendo de um, o complacente, gostaria de vê-lo, penso, digo: pode-se vê-lo? Afunda a cara nas penas do meu travesseiro, ri fininho, diz que louco, penso meu Deus com essa nem ela morta posso dar vida aos versos, e ao revés, eu morto, coloque-os, querida, sobre a pedra, que sejam epifâto, que tu os inventaste. Como me queima o perdê-lo/ Agora que há de queimar-me a vida inteira/ mas não, esse o de mim, esse o de perdê-lo sacrificou sonoridade, cantata, verdade que só fiz coisas de nada, pereceíeis também nas suas minúcias, de qualquer forma os versos na pedra já não seriam meus, deteriorados pela inflexão que lhes daria esta jovem senhora, diria que louco, contaria de mim riso fininho no travesseiro de outro como você diria se eu lhe pedisse para dizer como me queima o perdê-lo, agora que há de queimar-me a vida inteira?

Hein?

como você diria esses versos?

diz outra vez

Então eu disse. E ouvindo ela vira a cabeça, pra cá pra lá, cachorinha ouvindo som informe, novo para a sua orelhinha, repete as palavras só movendo os lábios, mais alto eu pego, ela sobe o lençol até o pescoço, demora-se, sussurra equívoca, desencadeio-me, grito Mais alto repete mais alto cadela complacente, mais alto porque fundamental para o meu próprio equilíbrio, encolhe-se fofa, pequena, aranha rosada no costado da cama, sala para pegar as roupas, vestida num segundo diz que louco, louco louco vai gritando no corredor, na última porta, epítáfio tão ajustado de eu-ninguém: louco. E completo: escultor, poeta, reta intenção. Não apto.

VICIOSO KADEK

PENSAVA FARTO, pastoso, às vezes em trechos alongados: se às Tuas costas, meu Deus, eu pudesse me fazer, apagar a Tua imagem e de cima de um todo-minim entender minha completa potencialidade desde o meu existir. Menos farto: igual a todos eu queria ser se pudesse, atuar como todos. Pensava bonito: pedra sob lua baça. O meu amor no teu que passa. Colinas, pássaros, teu momento, meu passo. Gazoso Kadek, olhando através da testa dos outros, por isso todos se riam cada vez que olhava pensante, cada vez que bebia como todos o branco-alegria nacional, pinguço se fazia como todos, e delirado um entender de dentro de boca mole mas muito prudente soletrava: assim tu morre, Kadek, pinguço e pobre como todos, igualzinho sim. Antes matemático, psicólogo, espionou a curva de Möbius muitos anos, viveu

prensado nela, horas pensando, também eu não tenho lado de dentro e de fora, e depois: tenho? Quis arredondar-se, grão, e não escurecer com a palavra seu estar aqui, gargalhada de todos quando passava, foi ouvindo e alguma vez tentou anotações futuras sobre a metafísica da risada: riem-se porque Kadek estando aqui, passando, pensa também, e alguma coisa à sua volta se enche de brilhos, de luminescências, estilhaços, e passo fosfo-recente entre as gentes do bar. Se me perguntam Kadek, tu passa e não diz nada? respondo tentando não pensar: eu te devolvo o mundo se me deres um revólver mudo. Risadas. Ou isto: só subi a montanha porque desejava tua impossível cama. Risadas. Ou isto: somos ateus com Deus. Muitas risadas. Pensava summmum malum é esse meu viver pensante, essa pedantocracia, esse estético vazio, ético tentou atos políticos, ético Kadek redimensionando "a coisa", chupava de Sartre "a coisa", mas dizia: digo coisa para não dizer lixo, ditadura, então minha gente, "a coisa" corrói, impedra, suja, embrutece, suprime, lixa tua criatividade, adormece, ensombra, letargiante corrosiva coisa, te arranca a alma, senhores senhoras "a coisa"... Pegou dez anos e seis meses, muita enrabação, muita pancada, toma aí pestilento, a coisa é isso aqui, e a rodela de Kadek estreme-cia eletrizada, os bagos finos pendiam agora inchados, matemático é? repete aí dois mais dois é vinte e quatro. Repetia. Vício foi se fazendo de só ser comido pelos rombudos de farda, os botões duros cutucando-lhe as

nádegas, mas nem por isso largou o outro vício de pensar beleza, de relembrar: é melhor estar sentado do que de pé, deitado do que sentado, morto do que deitado. Todo zen, Kadek desejou que a morte viesse, esfarrapada, bêbada, patível o mais possível, teve medo de que viesse tão fria, tão difícil, medo de que um ao lado, um louco, lhe dissesse: chi, Kadek, tu não morre, tá difícil. Foi deitando amortado, o olho tentando o além outro lado, pediu a Jesus que não lhe surgissem palavras, que morresse muito ético, nada estético, olhou o de cima cinzento sem nuvens, nem gaviões, nem pardais, pensou perfeito para a morte de mim, a cabeça virou quase encostada ao ombro, viu bosta de gente a um metro do seu corpo, repetiu: obrigado Jesus, mais que perfeito para a morte de mim, deitado pobre anônimo agora no esturricado capim, muito igualzinho a muitos, ia dizer infundáveis obrigado quando o olhar subiu para o cinzento sem nuvens outra vez, e viu o pássaro. Trinçou a língua para não dizer beleza, adelgçou a vida, mas encolhido poetou entre babas: alado e ocre pássaro da morte. Totalmente diferenciado, então morreu.

LUCAS, NAIM

TENTO RECORDAR, reconsidero eu corpo palavra, um ramallete cerdoso aqui por dentro, eu corpo palavra, sangue emoção sufixo, coisas que fazem parte do corpo da palavra, reconsidero um ajustar-me ao todo e a tudo, não tinha esta cara, eu, Lucas, tinha outra, corpo e palavra se refazem, tu não és mais o mesmo, tu Lucas, as palavras também adquiriram surpreendentes significados, por exemplo velhice era coisa de longe, de vazio, aderência de outro não de mim, bochechas magras, franzimentos, um acorpar-se de névoa e de suspiros, velhice hoje é perto e adequada a mim, estou aqui transgado, velhice Lucas, reconsidero a cara e tudo o mais diante do espelho, sou eu Lucas ainda, meio amarelo, e neste instante acorrentado à loba, dizer isso acorrentado à loba pode parecer uma pastosa complexidade,

úmida também, acorrentado à loba velho úmido pastoso, lobapaixão colada a mim, estamos pensando, é isso, pensar não parecia tão difícil, costumava pensar com propriedade, dissertava depois, discursava até, aos poucos chegava a singulares conclusões, eu, Lucas, modelo intemporal nem presente nem passado, posso ser este e outro, posso não ter sido e ser sempre, ainda complexidades, mas há modelos que se expressam com muito mais trançados do que eu: "o indivíduo tem uma extensão considerável no tempo e negligenciável no espaço". Isso disseram. Costumava pensar sobre esta frase, desfiava esquemas, emparedava corolários, pensava, tentando chegar ao primeiro degrau, primeiro degrau indivíduo, o que é um indivíduo? Compacto, eu mesmo, Lucas indivíduo. Se eu colocasse diante dele, de Naim, esse bolo de cordas ele andaria até a janela, ereto, lento, como sempre faz quando não compreende o que lhe digo, vinte e cinco, Naim, soberbo, grave, mudo quase sempre, me olhando. Hoje devo dizer a ele desse impermissivo agudo intolerável aqui por dentro, ajustar a seus olhos paixão e velhice, pontiagudos opostos, duas lentes, uma vermelha lustrosa alongada e brilhante, inchando o mundo, sereia, magenta à tua volta, me focas e toda opacidade do mundo é prata e passível de idéia, posso reformular unha e falange, pêlos e pobres, voltar a ser esplêndido-humano, único, aquele pensado pela primeira cabeça, duas lentes Naim, da segunda falo menos, ou não? penso baço menos, ou não?

estendo-me ainda no vermelho, tingido, escorrendo. Da segunda, dessa cinza parda, distância que agora se fez colada a mim, sei e não sei espessura da lente, algumas manhãs lente baça e grata, estão ali as coisas? as gentes? há livros por aqui? o senhor me conhece? sua filha? ah perdão, sua mãe, é? antes não havia ali uma praça? Pequeno desconforto, riso cascateado por dentro, estou bem muito bem, que me importa filhas, praças, livros agora se já estou dentro deles, coisa que já sou, gente que fui, ah isso Naim, fui gente, como tu mesmo, esticado longo, um nariz que cheirava tudo à sua frente, um belo nariz muitíssimo delicado, e boca cheia de dentes e olhos que sabiam de Lucas, já sabiam desse Lucas de agora, e uma garganta que se fosse a mesma te diria: te amo como as begônias tarântulas amam seus congêneres, como as serpentes se amam entrosçadas. Lentas, algumas muito verdes outras escuras, a cruz na testa lerdas prenhes, dessa agudez que me rodeia, te amo ainda que isso te fulmine ou que um soco na minha cara me faça menos osso e mais verdade, diria garganta espagosa e viril, avalanche de sopros, santas palavras, Naim. Eu foscio neste instante escolhendo algumas, palavrassamente sobre a mesa, muitas, pondo de lado esta pela extrema redondez, paixão, perfeição evidente mas chocante, paixão, esta de lado, eu dentro dela mas me verás ao largo, digo tocando as órbitas: cerradas. alguma coisa em mim deseja alguma coisa que não sei. Varate à janela ereto, lento, não deveria ir porque o

trançado desta frase não é o mesmo trançado de outra rede, eu não disse: Naim, "o indivíduo tem uma extensão considerável no tempo e negligenciável no espaço", nem disse "Apes vos non vobis mellificatis", que quer dizer, Naim: o mel que vós produzireis, abelhas, não será para vós, e talvez fosse adequado incorporar Virgílio ao nosso diálogo, homem-abelha-Naim existindo porque Lucas existe, mel porque para mim, ninguém mais te verá amadilha dourada tão precisa, tão bem colocada, porque sou eu quem te vê e ninguém mais-eu, não há outro tão eu como eu mesmo, meu corpo, coeso com as coisas ou não, este tempo seria o de reflexão, de morte também, porque ainda que eu não esteja totalmente morto, estou à morte há muitos anos, desde que resolvi olhar o que existia além, o descarnado de mim, ir lá adiante onde os outros paralisados aqui, suspeitam apenas que há um pavoroso mais adiante, e indo mais adiante a pergunta inflou poderosa: há Deus na morte? Aquela que é o Novo Substancial Vida Primeira em Si Mesma, contém em Si a morte? Perguntando-me isso estou substancialmente morto, emoções, o fardo do meu corpo se desfaz, não sou eu mais, ou sou mais Lucas, mas não ligado às possíveis gentes, a tudo vivo animal vegetal, e mesmo a pedra no seu corpóreo turbilhonado, turbilhão que não vemos, está mais próxima daquele todo vida, do que eu. Então como posso estando morto, articular ingenuidades e como quem vai beber água te dizer: aconteceu que não imagino mais

Jules e Resurrection
Infância de Rutilos

meu existir sem te ver a meu lado. Então não digo. Então repenso muitas maneiras de dizer, formas coerentes com o morto que há em mim, repenso mas não encontro, me fazer em palavra, retomar o castigo de cândidas vogais Amo Amo, fingir que não sei o que tu és, o que eu mesmo sou, o que tu és, Naim vinte e cinco, soberbo, grave, mudo quase sempre, me olhando. Soberbo de quê? De aparências, tua cabeça cabelos, soberbo mais eu, que sei de todos os atalhos, grave de que, Naim? Grave mais eu, que sei como te levar a reais gravidades, em poucas horas posso esmagar em ti soberba e gravidade e te fazer não mais olhar a janela mas saltar por ela. Ato que posso, anulo, pacto incorência, digo umas coisas acontecem e mesmo pensando muito não se sabe a fonte

quê?

a fonte dessas coisas que acontecem

Continua mudo mas voltou-se, breve como quem espia quem vai entrar pela porta, presença insuficiente em importância porque a paisagem de fora continua sendo o que olha, o de fora nos olha, cinza-pardo como eu, cara no firmamento, perfil, também olho e digo o que se diz quando há no céu uma cara parece uma cara é, parece um duplo perfil, olhe

Três caras, tua minha e a cara desse morto que parece estática, cara que possuo, enorme, tomando o peito e o

abdômen, morto sem cabeça agora porque desiste de meditar no que já sabe. Se meditasse, o morto Lucas não te tocaria o ombro.

o que foi? Hein Lucas?

Morto sem cabeça faria melhor te sacudir também pelos ombros, ajoelhar-me, e partido abjeito e suplicante ousar balbucios ou prólogos pequenos, comédidos, ainda ajoelhado reconstruí meu corpo para o teu olho, estender as mãos até a tua cintura e confessar amor vazio de astúcias, ou didático somar vogais e consoantes numa espiral de gelo, Lucas glacial

se você está vendo que é um duplo perfil, está? sim. Colados.

Hiperdialético construístes um vetor, mas se eu fizer disso uma evidência, se rascunhar para o teu olho cego porque jovem, que tu mesmo, Naim, me levas até o lago onde bóiam estufadas as palavras de amor, negarás intenção e ambiguidade, disse colados diante do que se via, disse colados, Lucas, como mil outros diriam diante do que se via, não houve o desconforto de opções e supostos, claro que assim não me dirias, com essa exata arquitetura de palavras, gaguejante, rosado, três murmúrios muito frágeis e depois um agressivo unívoco, então não digo hiperdialético construístes um vetor, nem rascunho para ti a linha azulada do caminho que nos levaria ao lago, continuo como se não soubesse do teu fosso de dentes pronto para me triturar, verdade que me queres? Colados, não é, Naim? Perfis colados, mornura

carne afim apenas de um só lado, não estão frente a frente, não estamos, não posso mensurar veemência e intensidade de ti mesmo se não nos colocarmos frente a frente, propositada acalmia do teu perfil vago, e ainda espectador recuo para a margem do fosso, depois medroso, medo de que o fundo seja nada

viu, Naim, desmancharam-se agora
hein?
os perfis desmancharam-se
um no outro

Começaste um galope, disseste colados, um no outro, e continuas incoagulável frente à janela, se te vissem de fora, as gentes, não te vêem, último andar desse tão alto, se te vissem de fora diriam talvez, alguém diria, que te parecias a um colecionador de marfins, marfim tu mesmo eu diria se te visse de fora, que és feito de uma carne sem tempo, estás aí e tudo o que dizemos te convence de uma sobrecarga de inefável, mentes para ti mesmo soletando um recoser de frases. Por que não dizes que também eu estou em ti colado, que estamos um no outro há muitos meses, que te envergonhas de um sentir muito sentiente, juntura que te parece desabusada? E retomando velhice, pensando eternidade, também eu galopo, por que não morrer? Por que não atravessar o grande rio, ou dele fazer parte, ser água e barqueiro, mas viva ferida na pretensa austeridade de sempre do teu peito? Porque não morrer, se há muito me sei tão morto porque vivo em ti tão impotente, cor-

roído de preñez e de desejo, não me envergonho de usar preñez em mim, virilidade também comporta preciosa redondez, tua alma na minha cabeça, no ventre, teu espírito baco mas amálgama do meu, e tão desejado, não era o que eu pretendia na velhice, amar um outro homem, inarticulado usar a palavra como uma velha espada, corte-cego, sem fio, ferrugem sobre a prata, não, eu não queria, e vou dizê-lo
sabe, Naim, eu não queria

o quê? que os perfis se desmanchassem?
um no outro, eu não queria, que um só se desmanchasse sim, para a nitidez do outro
pobre Lucas. Ainda usando geléia de morango nas palavras? Podes comer sozinho essa torrada.

Vamos comê-la juntos. E enquanto me aproximo do teu rosto cinco ou seis passos, o passado explode, jorra dentro da sala por um imenso buraco, revejo teus dissimulados toques, uma lascívia escura, um remendo rugoso inaceitável para a tua brilhosa juventude, remendo rugoso, gozo grosseiro desculpável em ti porque há velhice em mim, e amor na velhice para o teu ser cego é espetáculo imundo e risível, ainda que eu seja honrado, e quase ilustre e fundamentalmente viril, velho-Lucas-viril, sugado para um vórtice de carne, perguntando-se a cada madrugada que luz é que vê na tua tola e toska quase adolescência, luz de carne, isso, e um invisível, feito de mim mesmo, sobreponho em ti meus longos resultados, penso que és um, soberbo Naim,

belo, mais minhas dores, mais meu estofamento álmico, meu esticado tenso, e uma dupla torção, vida e conhecimento. Te imagino tu-eu. E és apenas vinte e cinco, mas vinte e cinco rasos, de tibiez, camada cremosa e milimétrica de pequeninos neurônios ativados, e para que me percebas caminho mais dois passos, Lucas caminha, o outro sorri, mudo, e pela grande janela de onde há pouco se viu dois perfis, uma cara, pela grande janela, ágil, Lucas se atrai.

UM CÁLIDO IN EXTREMIS

A Lygia e a Paulo Emílio

TE CUSPIR NA CARA, uma bofetada, um soco, tudo melhor do que a palavra, KleineKu, te chamo assim, nome com a sonoridade da língua dos poetas e das feras, o ato sempre melhor e não como eu mesmo o pensamento-salto para me explicar através de ti mínimo. Não estou morrendo, KleineKu. Tentei explicar o mesmo a um outro, estúpido como tu, se chamava Koyo e ergueu palçadas à procura da minha unha, palçadas ao redor do nada, porque por mais que te ergas, nunca, fechado como estou nessa esteira trançada, nem Koyo nem KleineKu teriam a viseira, o perfurante olho para o menor de mim. Não estou morrendo. A perfeição é a morte, um de vocês AH descobriu e disse A perfeição é a morte, não será essa a maior certeza da imortalidade? Koyo e

KleineKu trancafiaram-no, asilo de loucos, e esse AH emparedado não pôde discursar nos congressos, senados, seria o mesmo, loucos de dentro, de fora, todos KleineKus repetindo que estou morto quando isso seria o inexprimível mas o mais significante de todos os meus atos. Morrer eu quero, placa inteiriça de marfim sobre o eu inteiro, antes da placa a esteira, aquela que nunca a teu alcance, nem de olhos fechados, KleineKu entenda, estou em agonia mas não vou morrer, deteriorado, informe, daqui para a frente pus e poeira avolumando-se, devo morar no silêncio, mas o de mim calado corre para ti, expressa-se em atos, e que atos os teus, selvageria e soberba em todos eles, devo pedir que te apresses, termina, não te faltam os meios, mais potentes do que Nagasaki e Hiroshima, e há uma fome em ti portentosa demais para o teu nome, e não é que cabe no teu desprezível buraco todas as tuas fomes? Não sei como se morre, e não sabia que ao pensar-me expelia conceito e esterqueira, olho-te a ti num distanciamento solúçoso de lonjuras, olho-me a mim e procuro no corpo um ínfimo ponto de onde eu possa extrair um todo novo, morte, se eu pudesse refazer-me em morte, ajoelho-me torcido diante de mim mesmo, que o eu divino encontra o caminho do Nada e no percurso não procure outra vez dar forma às aparências, o eu emocionado quis traduzir-se em obras, pensou Homem para habitar a Terra e foi como se pensasse sordidez, coprólito, que o Nada me reencontre outra vez, pensou-me o Nada porque

num instante pretendeu dar forma ao Nada-Não Ser, ah KleineKu, reafirmo, antes o cuspe o soco a bofetada, tudo melhor do que a palavra, e se eu tivesse cornetas poderia usá-las como esse de mim, afortunado Mahler, se eu tivesse cornetas, essas de postilhão, ah se eu as tivesse, arrancaria o som mais dolorido para o teu todo mouco, se eu tivesse palavras como esse de mim Jeshua as teve, uns meus incendiados, mas para KleineKu foi como se nunca eu os comettesse, se os muitos em mim pudessem martelar tua substância, outra vez moldado, um novo metagrama, dois corações-cabeça para o homem, atuando em plena comunhão, KleineKu acrescentado nuns lestes, arrancado ao sul, teria sido melhor consumir a idéia-homem assim que foi expelida, atuar como fui ensinado pelos meus de mim, monges-cartuxos volatilizando a palavra na sua fonte, KleineKu pensando sim mas incandescente no mesmo instante voltando à sua raiz. Agora, cotovelos negros fincados nos meus moles, eu olho o absurdo: tu. Mãezinha, eu GrosseKu, também batizado pelos homens com esotéricos nomes, Pneuma, o Todo-Um, o Sem-Nome, mãezinha quero a tua mão na minha, e Gide num sem fim ao meu ouvido: "quero morrer desesperado". Talvez assim eu possa, talvez assim eu aprenda a morrer.

O GRANDE - PEQUENO JOZU

...MÁGICOS, HERÓIS, encantadores de ratos, todos esses que, à força de correrem após si, foram de novo tomados da paixão de ser, e aos quais a própria lucidez levou a procurarem o máximo de cegueira.

(FRANCIS JEANSON, em *Sartre por ele próprio*)

Quando eu Jozu, percebi que sim, que era verdade, que haviam cagado no fundo do poço seco, comeci a chorar. Subi pela escadinha de corda e perguntei foi você, Jesuelda? Ela disse não. Foi você Guzuel? Ele disse não seja besta, Jozu, você acha que eu ia descer até o poço pra cagar se eu posso cagar aqui mesmo? Olhei ao redor. Parecia lógico. Tudo capim, barba-de-bode também, tudo seco. Então quem foi? Alguém. E nenhum de

vocês dois viu nada? Não, não viram, o dia inteiro ficam metendo dentro da casinha de tábua que eu, Jozu, construí com o dinheiro do meu rato. Eu sou Jozu, encantador de ratos. Tive três ratos antes do meu de agora mas nenhum tão inteligente, nenhum tão olhinho de avelã como o meu de agora. Meu rato tem uma linda caixa de vidro, lá dentro um balancinho onde ele dá duas piruetas, um impulso maior de repente, depois quase um salto mortal e cai em pé, as patinhas da frente um pouco encolhidas, um milagre. Uma ou duas moedas e quem quiser pode ver meu rato acrobata, lá na Esquina dos Ratos. Limpei a bosta do fundo do poço seco e enquanto limpava me veio um poema muito bonito. Dentro do poço seco eu sou mais do que Jozu encantador de ratos, mais alguma coisa que eu não sei o que é. Sou Mais. E digo palavras estranhas e penso de um jeito que fora do poço eu não penso. O poema é assim:

Ele queria o jardim do rei.
Queria tanto
Que o grande sumo das coisas
Desaguou
Nos cantos da sua boca.
E a língua repetia
A mesma sonoridade
A cada dia: queria o jardim do rei.
Sombra, calmaria
Sonolência das dálcias do jardim do rei,

Limpeza das alamedas, santa alegria
Dos cravos de sangue do jardim do rei.

E a simetria

As plantas rasteiras, prateadas

Do jardim do rei.

E a inteira despidorada

Rosa do jardim do rei

E aquilo não era ele

Ele, o avesso,

Que de repente queria

Essa torpe maravilha

Que era o jardim do rei.

Subi a escadinha de corda, a bosta enrolada no papel e gritei: olha, Jesuelda, a gente não faz isso não, se você tem gana do meu poço seco é só não chegar perto dele. Porque de repente eu senti que foi a Jesuelda. Aí ela chegou bem perto de mim e disse Jozu asnalhão, pra dizer a verdade eu quero que você enfie teu poço na pastilha na rodela, tá? Entendi que Jesuelda falava do cu mesmo. Ela continuou: você pensa, Jozu, que só porque é filho de general pode se dar ao luxo de gritar comigo? Aí eu fiquei espantado porque nunca me lembro que sou filho de general: Jesuelda, é até engraçado você dizer isso porque eu nunca me lembro, eu nem conheci o meu pai general, só sei que a mãe trabalhava pra ele. Pois olha, Jozu, se fosse eu, eu me lembraria sempre. Por quê? Ora, porque um general é uma pessoa

muito importante. Por quê? Aí o Guzuel disse porra Jozu, porque é um general. Querem saber? Tudo o que eu me lembro a respeito do general é o que a mãe dizia. E o que era que ela dizia? Que ele tinha os culhões compridos como aspargos. Só isso? O Guzuel respondeu pra Jesuelda credo Jesuelda, saber isso a respeito de um general é saber muito. Enquanto eu jogava a bosta no capim, a Jesuelda mais calma continuou: minha avó, Jozu, foi caso de um coronel, e você não imagina o que ela contava pra quem quisesse ouvir. O quê? Que o coronel esporrava com tanta galhardia que ela tinha vontade de bater continência pra ele naquela hora, o tronco duro, os braços assim esticados, e um olhar... como era mesmo que ela dizia? espera. Fiquei esperando. O Guzuel também ficou esperando. Do olhar? Sim, ela dizia que era... ahhh, lembrei, era um olhar assim como se o coronel estivesse passando em revista a tropa, sabe, um olhar... taí, é isso. Mas pra onde é que ele olhava, hein Jesuelda, porque a tropa não estava lá, ou estava? Não fala assim da minha avó, Jozu, sei lá pra onde o coronel olhava, o vazio a parede a minha avó, isso não é importante, era o jeito de olhar, entende? Um jeito atento. Sei, Jesuelda. O Guzuel também disse sei sei. A Jesuelda tem uma cara... que cara. Cara de lua, lustrosa, um dente pequeno avançando pra frente. A gente faz amor com a Jesuelda e parece que eu faço a mesma coisa que o Guzuel faz, isto é, ponho a mão por ali, com delicadeza vou entrando nela, na hora às

vezes digo Jesuelda vou indo, ela não diz nada, nem diz que gosta de mim. Esquisita. Que cara. Quem sabe se ela sabe que eu gosto mais do rato do que dela, doquedela doquedela, dizer doquedela me lembrou querela outra vez, querela é uma palavra que eu ouvi o outro dia quando briguei com um homem lá na Esquina dos Ratos, por causa do meu rato. Aí apareceu um homem de bengala e chapéu, que devia ser da Esquina dos homens e disse Evtai querela nas esquinas, onde é que está o vosso pudor? Fiquei besta, o homem que brigava comigo também ficou besta, e nos olhamos e nos afastamos. Querela, cruces, que esquisito. Pudor já é mais bonito. Quando eu quis morder a Jesuelda lá na coisa gramosa e escondida, (gramosa é muito bonito, é coisa que eu ouço no fundo do poço seco) ela me disse Para aí, você não tem pudor, que coisa. A Jesuelda parece filha de Maria às vezes. Outras vezes, com Guzuel, por exemplo, ela parece louca e grita naquela hora. Depois que Guzuel acaba de montar na Jesuelda, e isso é a cada dia, podem crer, a gente faz uma refeição conjunta. Refeição conjunta era coisa lá da fábrica de relógios onde eu trabalhava, depois eu falo da fábrica, era uma fábrica que vivia com problemas, tudo dava errado, os operários e eu junto naturalmente vivíamos muito mal, porque tudo dava errado naquela fábrica. Um dia alguém lá de cima perdeu a paciência com a gente e disse Tá bem seus filhos da puta, tomem conta então, já que são tão sabidos. Então tomamos conta. E a fabri-

ca ficou ótima, os relógios também, nós também, tudo melhorou, mas não sei o que aconteceu pois quando as coisas estavam uma beleza resolveram fechar a fábrica. Que gritaria. Uns caras mal-encarados diziam loucura loucura, loucura para o sistema, fecha fecha, que imbecil que você é, isso gritavam para o cara que chamou a gente de filho da puta, acho que esse cara até foi preso. Falavam muito no tal do sistema, sistema não parece uma coisa boa. O meu amigo Stoltefus, lá da Esquina dos homens, é que vive falando dessas coisas e de outras também, todas complicadas. Quando ele fala nos pontos quentes que eu não sei o que são, eu fico com muito medo, ele fala uns nomes enormes, fala de generais também, e até hoje eu não digo pra ele que sou filho de general porque tenho medo que ele nem fale mais comigo só por isso. Aliás eu não entendo porque o Stoltefus fala dessas coisas comigo, acho que é simplesmente porque ele não tem com quem falar. Ele gosta de mim o Stoltefus, ele sempre diz Jozu, você é raro, é muito raro. Gosto que ele diga que eu sou raro porque raro é tudo o que a gente acha difícil de encontrar, não é isso? Tudo o que é difícil de encontrar parece uma coisa boa. E isso é raro, é raro alguém sentir que você é uma coisa boa. Meu rato é bom. Uma coisa rara também é o tempo que Guzuel e Jesuelda levam metendo. Sempre demoram muito, e muitas vezes eu fico pedindo por favor que acabem logo porque eu morro de fome. Quando tem ovo não preciso falar isso porque eles

sabem que quando eu começo a fritar o ovo é porque não agüento esperar mais. A semana passada a Jesuelda foi muito grosseira comigo porque eu pedi por favor acaba bem logo, e aí ela gritou vá tomar na pastilha, você e seus ovos. Eu disse depois: Jesuelda, não é normal isso de ficar metendo um tempão, a gente mete e pronto. Guzuel não concordou: que nada velho, o bom é antes de acabar. Todas essas coisas a gente nunca sabe direito, são coisas querelantes, para uns é melhor acabar logo já que é para acabar que começaram, para outros apesar de quererem acabar, no fundo não querem. Parece que os generais é que querem sempre acabar com alguma coisa, acho que sim, porque toda vez que o Stolfefus está contando uma estória ela fica muito diferente depois que entra um general na estória. E a voz dele também muda quando ele começa a falar das coisas da estória depois que entra o general. Ele diz também que é impossível acabar com os generais em geral. E com todos parecidos com generais. Tenho muito medo que o Stolfefus descubra um dia que eu sou filho de um general. Muito mesmo. Porque ele chama os generais de vários nomes, pólcia endomingada é um que eu me lembro. Um dia possivelmente vou me lembrar dos outros. Dos outros nomes. O Stolfefus deve ter algum problema com os generais. Ontem comecei a ensinar o meu rato a dar três piruetas em vez de duas, ele me pareceu muito nervoso, deve ter pensado o homem só quer me dar trabalho, mas não é isso, é que

muitas pessoas já viram o meu rato dar duas piruetas e se ele puder dar três os que viram ele dar duas vão gostar de ver o rato dar três. E vão pagar mais também. Algumas pessoas já me disseram o senhor só vive do rato? Quando eu disse que sim alguns sacudiram a cabeça e disseram coitado. Eu não entendi, porque acho até muito bonito isso de ensinar o rato a dar piruetas e se balançar no balancinho. Tive um cara que esfregou o jornal no meu nariz e disse enquanto você explora ratos e acha bonito, tem gente que os come. Pelo amor de Deus, eu disse alto para que todos ouvissem, eu seria incapaz de comer o meu rato. Alguns concordaram que seria terrível mesmo, mas muito poucos, outros disseram que nada, todo mundo já comeu rato. Depois disseram que não era nada disso que o cara queria dizer. Foi uma grande querela entre o pessoal da Esquina dos Ratos, e um mais perigoso começou a gritar quer ver se eu não como? Quer ver? E já abrindo a caixa do meu rato. Graças a Deus consegui me safar, e sempre que posso evito assuntos muitos querelantes. Meter, fome, generais, sistema, parecem assuntos querelantes. Lá no fundo do poço seco onde eu sempre me meto assim que chego, me vem uma coisa na garganta e começo a chorar. Digo para mim mesmo que aqui no fundo e no fundo de mim, eu sinto que gosto muito mas muito mesmo do meu rato, que eu não sei como é que isso ficou assim tão importante, isso de ter o rato, de gostar dele, e de ter vontade de morrer se ele morrer,

ouço sempre o Stolefus dizer que uma das coisas mais importantes do mundo é uma coisa chamada arsenais atômicos, não sei o que é nem onde mora, mas pra falar a verdade eu não troco arsenais atômicos pelo meu rato, sejam os arsenais o que forem. Guzuel e Jesuelda não entendem como é que eu posso ficar tanto tempo dentro do poço seco, acendo o lampião, tiro o meu rato de dentro da caixa, ele cabe inteiro na minha mão, passeia no meu braço, ele fica muito contente de sair de dentro da caixa. Foi há pouco tempo, uma tarde, tardezinha, que de repente lá embaixo eu ouvi uma música muito bonita, a música não vinha de cima, vinha do mais fundo de onde eu estava, o meu rato ouviu também porque ficou parado o tempo todo que durou a música. Não era uma música qualquer, dessas que a gente ouve nos bares ou nas esquinas, não sei o que era, mas fiquei ouvindo, e se me perguntassem como era eu diria que era assim como se Deus soprasse em todos os buracos do mundo, e ao mesmo tempo não era uma coisa barulhenta. Quando ouvi a música pela primeira vez, comecei a tremet, depois fui me sentindo melhorzinho, e para me acalmar completamente fui pensando assim: quem é que gostaria de assustar um homem um rato no fundo de um poço seco? Ninguém. O Guzuel me chamou nesse dia da música pois pela primeira vez era eu quem me esquecia de comer, e disse tu sai ou não sai de dentro do buraco? Eu disse Guzuel, chama a Jesuelda, desce pela escadinha e vem ouvir uma músi-

ca que você nunca ouviu. Que nada, Jozu, a Jesuelda tá com fome, e ninguém fritá os ovos tão bem como você. Então subi. Tu não tá bom da cachola, que música que música? O que eu digo é sempre tolice para Jesuelda e Guzuel, no entanto eu sempre respeito o que eles imaginam que não é tolice. O mês passado eles inventaram uma brincadeira. O Guzuel achou que seria bom todo mundo meter junto, a Jesuelda riu mas disse que não tinha vontade. Não. Olha, Eldinha, (é assim que o Guzuel chama às vezes a Jesuelda) cada um de nós vai dizer uma coisa que tem vergonha de dizer na frente dos outros. Uma coisa sacana, Eldinha, pra todo mundo ficar largado. Como largado? a Jesuelda disse. Eu fiquei esperando. Aí ele falou qualquer coisa no ouvido da Jesuelda e ela começou a rir e não parava mais. Eu fiquei pensando. Você continua agora, Eldinha. A Jesuelda se torcia toda, não sabia o que falar, ficou toda vermelhona quando disse: um negão babão me lambendo. O Guzuel peidou de tanto rir e disse: uma negrona lambona babando. Eu continuei pensando. Os dois começaram a se agarrar, rolaram pelo chão da casinha de tábua que eu Jozu construí com o dinheiro do meu rato, mas a Jesuelda apontou para mim, afastou Guzuel e disse que a brincadeira não estava completa porque eu, Jozu, não havia falado nada. Ele, Guzuel, disse te apressa, olha aí como eu tô. Eu continuei pensando mas resolvi dizer logo uma coisa que eu tenho vergonha de dizer para qualquer um. E disse: ficar para

sempre no fundo do poço seco com o meu rato. Foi horrível ter dito isso porque o Guzuel ficou com muita raiva, a Jesuelda começou a chorar, o Guzuel gritou que não era bonito eu dizer isso porque isso que eu disse era muito triste, e ninguém mais podia pensar em meter depois de ouvir isso. Achei bastante singular que isso tirasse a vontade de meter e respondi que não tive a intenção de atrapalhar, e que eu tinha mesmo vergonha de dizer essa frase na frente de qualquer um. A Jesuelda continuava chorando e entre um soluço e outro dizia que nunca podia meter em paz com o Guzuel porque vivia tendo pena de mim. Ela falou assim: essa tua cabeça virada de banda, o teu olho sempre molhado, e o teu rato. Quando ela falou do meu rato ela soluçou muito alto e depois deu um ganido. Fiz tudo para acalmá-la dizendo que ela era boba de ter pena de mim, que eu era assim mesmo e não sofria lá essas coisas de ser esse, que a cabeça virada de banda era um jeito meio manso meu, desde menino, olha Jesuelda, eu não te disse que até me chamavam de o cabeça esquerda? Então Jesuelda começou a rir, depois me pegou na mão e beijou a minha mão: você é feliz? você não sofre? O Guzuel fechou a braguilha mas também me abraçou, olha, Jozu, não fala que você quer viver sozinho pra sempre no fundo do poço seco, porque a Jesuelda sofre, tá? E tem mais, Jozu, aqui você parece sempre triste mas eu já te vi dar muita risada na Esquina dos Ratos. Quando? Quando aquele cara todo pintado soltou

aquele peido-trombeta na frente de todo mundo. Bem, eu disse, não é sempre que soltam um peido daqueles. Ora, Jozu, eu mesmo já peidei daquele jeito e você não riu, você não riu Jozu, porque quer sempre se fazer de vítima pra Jesuelda. Que nada, o teu peido foi normal e se eu fosse rir de cada um que peidasse eu vivia rindo. Melhor, disse o Guzuel. Fico pensando se essa coisa enorme que eu sinto está dentro de mim ou dentro do poço seco. Quem sabe se é porque o fundo do poço seco é redondo e essas coisas redondas dão a impressão de serem acabadas, de que tudo está perfeito no redondo, e por isso talvez eu me sinta diferente e até muito justo quando estou lá. Deve ter havido água no fundo. Será que eu ouço a alma da água? Como é estranho que eu seja feito de carne, eu penso quando estou lá dentro, e que olhando com meu olho eu possa ver. E que de repente eu sinta essa dor de olhar o rato e que o rato me olhe também com seu olho de carne. Feliz? Não sei, Jesuelda, dor de ser de um jeito que não compreendo, de nem saber onde é que mora o pensamento. Parece que aqui dentro eu me sinto fraterno, e lá fora eu sinto que não sou tão fraterno, aqui dentro eu me sinto irmão da água que já esteve aqui, irmão de todos os ossos que estão dentro da terra, isso tem beleza, beleza é uma coisa que dá vontade de comer, a Jesuelda tem beleza, e quando eu monto nela é um jeito de comer, e se eu não falo muito nessa hora é porque quando a gente está comendo a gente não fala, pra sentir melhor, porque

confunde falar e comer ao mesmo tempo. Tudo é difícil, difícil explicar por exemplo que eu também acho o meu rato bonito mas não tenho vontade de comer o meu rato. Sempre gostei de pensar. Uma vez eu trabalhei numa fábrica de bolsas de plástico, foi depois daquela dos relógios, aquela que funcionou bem e que por isso fecharam, então quando eu trabalhava nessa fábrica das bolsas eu comecei a pensar assim: as bolsas saem cada dia mais bonitas da fábrica e eu saio cada vez pior. Continuei pensando: o que é uma bolsa de plástico? Uma coisa que não pensa, uma coisa morta. Pensei também: quem vale mais? Eu ou a bolsa de plástico? Eu. Apesar de que se alguém encontrar eu e a bolsa jogados na rua, vão escolher a bolsa. Porque podem pensar que tem uma coisa dentro dela. A bolsa guarda coisas, é verdade, nunca tive nada pra guardar, só o meu rato. Tive um pente uma vez. Era um pente bonito, cor de vinho, eu achei o pente logo depois de ter me despedido do Stoltefus, até pensei que o pente fosse dele e chamei alto Stol Stol, esse não é o teu pente? Aí o Stoltefus voltou, examinou o pente e foi só nessa hora que eu percebi que o Stoltefus tinha a cabeça lisa feito mamão, ele pôs a mão na cabeça e começou a contar a estória de um cara que até foi preso por causa de um pente, que o pente caiu do bolso e junto com o pente caiu uma banana de dinamite, que o bolso do cara era aquela coisa de arsenal, e por aí o Stoltefus foi indo até chegar outra vez nos generais. Fiquei com tanto medo

dessa estória que depois de dois passos joguei fora o pente. Então foi muito pouco tempo o tempo em que eu fiquei com o pente. Não sei como será isso de ter coisas, se é bom ou não, quando é ouro é pior, todo mundo quer ouro, e quando o Stoltefus fala do ouro ele fala no tal do sistema, e daí ele pula pra um lugar que se chamava Cartago, lugar de muito ouro, parece que o tal do sistema andou por ali, e que ninguém encontra um papel importante sobre essa Cartago, nem papel nem muito caco importante, e que essa coisa de não encontrar nada tem sempre razão de ser. Coisas do Stoltefus. Ninguém gosta de conversar com ele, tem gente que às vezes me diz Jozu, tu fica falando com gente que não é pra falar, é perigoso, Jozu, aí eu penso sempre nos generais porque o mais perigoso para mim se é que eu entendo o Stoltefus, são os generais. Gosto muito do Stoltefus porque ele é sozinho como eu, e ele nem tem um rato, e há certos dias que ninguém se interessa pelo meu rato mas se no fim do dia ninguém aparece, o Stoltefus diz hoje eu quero ver o teu rato, vamos Jozu, pode começar, e paga. Eu dou duas batidinhas na caixa de vidro (é o sinal) e o meu rato começa a trabalhar. O Stoltefus acha sempre muito bonito e paga até mais do que eu cobro, ele diz isso é um milagre, vale mais, vale mais, Jozu. A gente nunca sabe por que há pessoas assim como o Stoltefus, pessoas que compreendem como é difícil ensinar um rato, e outras que têm nojo, quase todas, que fazem caras de nojo quando

olham o rato e quando me olham também. Porque para mim todo mundo é gente, o rato também é gente, ele tem medo frio fome, e também se alegra e fica triste como a gente. Um rato não tem muito mistério não, as pessoas não entendem que ser rato é tão simples e tão complicado como ser gente. Quando eu digo essas coisas para o Stoltefus ele diz que maravilha que maravilha essas coisas que você diz. O Guzuel não liga. Quando eu conto para o Guzuel como o Stoltefus é bom pra mim, ele fica repetindo Esse cara acaba te enrabando Jozu, vê lá, o que esse cara pode querer contigo? O Guzuel sempre acha que todo mundo quer alguma coisa, eu penso que a gente pode gostar de um cara sem querer nada. O Guzuel diz que isso é mentira, que até eu, Jozu, gosto do meu rato porque é o rato que me dá o dinheiro, e nessas horas eu tenho vontade de queimar o dinheiro e jogar as moedas no capim, um dia quase fiz isso mas o Guzuel começou a gritar, abriu o bocado: e tu não come mais? e ninguém come mais? Tenho pensado tanta coisa. Outro dia pensei: o que é uma farda? O que é uma bota? Pensei isso com tanta força que falei alto lá na Esquina dos Ratos. Um fardado passou, me encarou e griou Pátria. Eu não entendi, mas quando voltei para a minha casa, a minha verdadeira casa que é o fundo do poço seco, perguntei lá dentro: o que é uma farda? o que é uma bota? E veio a resposta: nu o homem é mais Pátria do que amedalhado numa farda, nu ele é mais força, muito mais do que parece existir no fulgor

devasso de uma bota. Cagaço de todas essas palavras porque da metade não entendo nada, o poço fala comigo, eu me sinto melhor, parece que é verdade o que ele diz, mas sei também que é uma coisa difícil de repetir para o outro, para a Jesuelda e Guzuel é impossível, para o Stoltefus dá medo porque ele de cara faz aquele olho de apetite e começa Me mostra o pessoal, quando é que vai ser, Jozu cara-de-pau onde é que estão me leva lá, primeira coisa é pegar os generais assim. E aperta vermelhão a própria garganta. Saber que um poço te ensina a ser mais e que não adianta você repetir que é um entendimento que se faz lá dentro, e que o poço é embaixo mas o que você compreende parece vir de cima, não de cima de mim, Jozu, um de cima mais fundo, um de cima vivendo lá embaixo, ai, como é difícil dizer desse saber para o outro que te escuta. Há tempos, lá na Esquina dos homens, eu atravessava a rua com Stoltefus e olhei para o aviso que dizia cuidado, olhe pra esquerda pra direita antes de atravessar, segurei o Stoltefus e mostrei o perigo. Stoltefus cuspiu grunhiu: direita esquerda, tudo a mesma esturqueira. E eu respondi o que o poço me havia dito: direita, esquerda, os dois são bota e farda, os dois a mão que esmaga, rugido, garra sobre o teu livre-arbítrio. Stoltefus quase desmaiou, pálido, Jozu o que foi isso quem é que te ensinou? Me agarrou no meio da avenida, os carros passavam como raios, era xingação pra nós de todos os lados, eu disse que nada, Stol, são apenas palavras que

vêm de repente, eu falo mas nem sei do que se trata, é uma coisa que eu escuto dentro do meu ouvido, nem sei de rugido, nem sei de livre-arbítrio. Jozu, fala baixo, eu juro que não repito, e a tarde inteira ouvi do Stoltefus lengalenga esticada, quasi choro, ele dizendo que eu era um líder nato, que tudo o que eu dissera era de gente de primeira, e quando eu perguntei o que queria dizer nato ele deu murro no poste, fez gritaria grossa, foi horrível. Quando ele se acalmou jurei por tudo, pelo meu rato, vá lá, eu não tenho nada a ver com tudo o que digo, é apenas um murmúrio que murmureja dentro da cabeça. Ando ficando triste com essas coisas, isso de ouvir a voz dentro do poço é muito bonito mas sem querer vem a vontade de repetir, e ontem eu chorei muito lá dentro e gritei DEUS DEUS, e o poço respondeu: Fogo, Jozu, o que mora em ti, Fazedor do poema. Há algum tempo ando pensando se não seria bom colocar essa planta que se chama coroa-de-cristo ao redor do poço, assim ninguém vai entrar na minha casa, ando ficando com medo e não sei dizer bem por quê. As palavras metem medo, é isso sim, essas palavras de dentro metem medo, seria melhor ficar mudo. Escuta, Guznel, às vezes me vem vontade de nunca mais falar. Quê? De ficar mudo pra sempre. Quê? Isso é suspeito, Jozu, eles te prendem. Quem? Eles. Por quê? Porque porra Jozu, todo mundo sabe que tu fala e se de repente fica mudo não cola, entende? Mas não é quando a gente fala que eles prendem? Também prendem, se tu fala besteira. E o que é

besteira, Guznel? Aí ele olhou para todos os lados, e era aquele matagal, ele continuou olhando, e claro que não tinha ninguém, e quando ele viu que não tinha ninguém ele cochichou: besteira, Jozu, é pensar, em general, entendes? Aí também me lembrei da minha mãe por que ela repetia a frase do en general ou do general, não sei mais, na hora da conquista: não me queres, por quê? Tens um coronel? Eu sei um general. Mas era um, não era en. Meu pai, eu pensei, pensei meu pai para o de cima, não para aquele que meteu com a mãe (com a minha, perdão) meu pai, se um ou en general é besteira, o que sou eu? Como eu não estava dentro do poço, estava fora mas dentro da casinha da tábua, ninguém respondeu. Ainda bem. Guznel disse então que eu era diferente, tu é raro, Jozu, tu não é daqui. Raro deve ser uma coisa diferente da coisa que eu pensei. Hoje acordei muito triste porque vi que o meu rato está perdendo pêlo. Eu sempre passei babosa uma vez por semana em todos os que eu tive e nenhum perdeu pêlo. Pêlo bonito e brilhoso, o de todos. Talvez a tristeza que eu ando sentindo afetou o meu rato. Os bichos entendem muito das gentes. Olha, Jesuelda, o rato não está bom. A Jesuelda diz que é bom passar pólvora com limão, que isso deve ser sarna. O Guznel diz que pelo amor de Deus não falem em pólvora. Por quê? Porque BUM BUM, é o que eles pensam, te prendem. Mas eu não quero polvorizar ninguém, Guznel, é só pólvora para o meu rato. É, mas vai explicar isso pros caras, me vende pólv-

vora? É muito triste isso de nem poder comprar pólvora-remédio para o rato. Agora, andando pela rua, sinto que as pessoas me olham de um jeito diferente. Pode ser apenas impressão, acho que sim, talvez me olhem porque eu estou pensando muito como conseguir a pólvora, e as gentes adivinham o que a gente pensa quando o pensamento é muito pensado. Pólvora para curar todos os ratos do mundo. Seria bom se eu pudesse ter um general ao lado porque se todo mundo tem medo dos generais os outros não me olhariam assim. Meu pobre pai-general, o que foi feito dele? Gostaria de saber exatamente o que é um general, como ele é por dentro, por fora eu sei que ele é todo amedalhado, e que às vezes tem os culhões compridos como aspargos, mas por dentro? Olha, Stol, que bom que eu te encontrei, olha o meu rato, a Jesuelda diz que é bom comprar pólvora. Jozu, conta aí o que te vai pela cabeça, tó, olha, e Stol pôs as mãos no meio das pernas e sacudiu o pau. Pólvora com limão pra sarna. Tó. Tá bem, Stol, esquece, só limão. Outra coisa, você que sabe tudo, me explica direito como é um general, como ele sente e é por dentro. Sentamos os dois no banco, a praça é muito bonita, tem boca-de-leão, tem essas árvores grandes que dão umas flores vermelhas que se chamam unha-do-diabo, mas a praça é bonita. O que atrapalha um pouco são os alto-falantes, o tempo inteiro eles tocam marcha, o tempo inteiro tem um homem berrando, logo depois da marcha. Tem crianças também, cantando a mesma

música que sai dos alto-falantes. Aí o Stoltefus aponta um menino fazendo tátátátá pra gente com metralhadora de brinquedo, e diz: olha aí, Jozu, esse já é um general. Eu digo você não entendeu, Stol, eu quero saber de um general de verdade. O Stoltefus chama o menino assim: ó garotão, vem aqui, que bonito isso de metralhadora, hein? Conta aqui pro meu amigo Jozu, encantador de rato, olha o rato dele, anda meio depenado, mas conta aqui o que é que você faz com essa metralhadora. Eu mato gente. Ah, sei. O que você quer ser quando crescer? Um macho. Muito bem, muito bonito. Um general, o menino completa, esses que mandam nesses que matam. E por quê? O senhor é bobo, o senhor é um velho bobo, todo mundo sabe que é bom ser general, e por que esse aí tem esse rato nojentto nessa caixa? Esse rato é muito bonito, menino, eu Jozu digo, ele sabe se balançar no balancinho. Esses ratos devem ser chutados, esmigalhados, incendiados, enterrados. Seguro a caixa de vidro e saio correndo. Ouço os gritos de Stol, Jozu Jozu, pára aí, não vai não. Mas vou. E lá no fundo do poço seco de repente durmo. Sonho que sou um enorme rato roendo umas coisas que o Stol pediu que eu nunca repetisse: balanço ativo passivo. Ouço ruídos enormes, lá fora um grupo de gente armada, e enquanto vou roendo com grande ansiedade, alguém grita Jozu roendo o sistema, pára aí. Espio da janela absurda do poço, o ativo e o passivo incham minhas bochechas, aí, devo estar comendo a carne dos

outros, desses daí de fora, senão não gritariam tanto. O que será esse balanço? Só sei do balancinho do meu rato. Verdade que o Stoltefus tentou explicar, abriu um jornal e apontou com o dedo ossudo uma porção de números, ficou vermelho e falava sozinho porque eu não entendia nada. Olha aí, olha aí, sessenta bilhões de carne e sangue das gentes. O que é isso? eu disse. É um balanço, Jozu. De ouro, Stol? De sangue. Fiquei na mesma mas não quis perguntar coisa alguma porque pelo olho do Stol eu já sabia que era o discurso que se aproximava. Stol me olhou olho injetado, cuspiu como sempre faz quando fala dessas coisas que eu não entendo. Depois de cuspir repetia ativo passivo, sentou-se no banco, amarelo que estava, e começou a vomitar. Tudo isso me impressionou, fiquei muito nervoso, até pensei que o Stoltefus ia morrer, molhei um trapo da minha roupa e passei o trapo naquela testa também molhada. Escuta, Stol, não lê essas coisas que te fazem mal, seja o que for ativo e passivo você não deve se importar. Ele grunhiu cambaleando: és uma besta mesmo, tu com teus trapos e teu rato, justamente tu. Parou de falar e jogou a cabeça para trás, suspirando de um jeito que nunca vi. Voltei muito triste para casa nesse dia porque foi a primeira vez que o Stol me chamou assim, enfim, de besta. Gostaria de esquecer tudo, esquecer até o sonho que eu estava contando. Um homem gritando: Jozu, filho bastardo caga-fome cara de cu, olha o rato Jozu roendo o sistema. Acordei muito mal porque o fim do sonho foi

a visão das gentes entrando pela janela absurda do poço e eu engolindo tudo às pressas, e as gentes com enormes pedagos de pau, e eu num canto do poço, muito assustado, peidando feio depois de comer tanto. Agora vou olhar a noite. E alguma coisa me diz que é a minha última noite, que o rato, o poço, são as únicas coisas que fazem parte de mim, e que os outros, de tudo o que eu sou – Jozu, rato, poço – terão eternamente apenas nojo.

Petilo NADA

*O amor é duro e inflexível como
o inferno.*

TERESA CEPEDA Y AHUMADA

*À memória de meu amigo
José Otaviano Ribeiro de Oliveira*

OS SENTIMENTOS VASTOS não têm nome. Perdas, deslumbramentos, catástrofes do espírito, pesadelos da carne, os sentimentos vastos não têm boca, fundo de soturnez, mudo desvario, escuros enigmas habitados de vida mas sem sons, assim eu neste instante diante do teu corpo morto. Inventar palavras, quebrá-las, recompô-las, ajustar-me digno diante de tanta ferida, teria sido preciso, Lucas meu amor, meus 35 anos de vida colados a um indescritível verdugo, alguém Humano, e há tantos indescritíveis Humanos feitos de fúria e desesperança, existindo apenas para nos fazer conhecer o nome da torpeza e da agonia. Mas indigno e desesperado me atiro sobre o vidro que recobre a tua cara, e várias mãos, de amigos? de minha filha adolescente? de meu pai? ou quem sabe as mãos de teus jovens amigos repuxam meu inundo blusão e eu colado a minha boca na direção da tua boca e um molhado de espuma embaça aquele cintilân-

cia que foi a tua cara. Grito. Gritos finos de marfim de uma cadela abandonada tentando enfiar a cabeça na axila de Deus. De uma cadela sim. Porque as fêmeas conhecem tudo da dor, fendem-se ou são desventradas para dar à luz e eu Lucius Kod neste agora me sei mais uma esquelética cadela, a morte e não a vida escando de mim, musgos finos pendendo dos abismos, estou caindo e ao meu redor as caras pétreas, quem são? amigos? minha filha adolescente? meu pai? teus jovens amigos? Caras granfíticas, ódio mudo e vergonha, palavras que vêm de longe, evanescentes mas tão nítidas como filigentes estiletos, palavras de supostos éticos Humanos:

Constrangedor Louco Demente

Absurdo Intolerável

Ducente Deo começo estes escritos deveria ter dito. Tendo Deus como guia, começo estes escritos deveria ter dito. Estou caindo mas sou erguido, aliado ali a porta eles dizem, não, é melhor por aqui, meus olhos olham o chão, sapatos pretos de verniz movendo-se afoitados sobre as tábuas largas, babas de mim, lenços cheirando a lavanda me comprimem a boca, alguém diz o carro deve estar ali mais adiante, meus olhos olham outro chão, folhas na manhã de ventos, outros sapatos e outras vozes coitado o que foi hein? tá demais branco o homem, olha ali, saiu de um velório, quem é que morreu? foi o filho dele foi? foi a mãe? saiam da frente, a gente precisa achar o carro, mas onde é que está o carro? ele está desfigurado, olha olha

Desfigurado meu pai na madrugada, o roupão de seda, listas negras, que elegância meu pai na madrugada, o roupão creme de seda e finas listas negras, a boca trêmula apagada no giz da própria cara: então anos de decência e de luta por água abaixo e eu um banqueiro, com que cara você acha que eu vou aparecer diante de meus amigos, ou você imagina que ninguém sabia, crápula, canalha, tua sórdida ligação, e esse moleque bonito era o namoradinho da minha neta, então vocês combinaram seus crápulas, aquele crapulazinha namorou minha neta para poder ficar perto de você. gosta de cu seu canalha? gosta de merda? fez-se também de mulherzinha com o moço machão? ele só pode ter sido teu macho porque teve a decência de se dar um tiro na cabeça, mate-se também seu desgraçado mate-se Onde os começos? Onde? Farpas pontudas emergindo do corpo dos conceitos. Antes o conceito redondo. Liso. Aquela pedra à beira do riacho, aquela que carregam para casa. Tenho que saber dos começos. Os atos não podem ficar flutuando, fiapos de paina desgarrados daquela casca tão consistente a casca era firme, abriu-se, o delicado foi se desfazendo, círculos, volutas, assim pelos ares, desfazido. Posso deduzir que escapei da casca consistente, que eu estava encerrado ali, não, que o meu corpo era o fruto da paineira, todo fechado, e num instante abriu-se. Abriu-se por quê? Porque já era noite para mim e aquele era o meu instante de maturação e rompimento. Porque fui atingido pela beleza como

se um tigre me lanhasse o peito. O salto. O pânico.
O que é a beleza? Translúcida como se o marfim do
jade se fizesse carne, translúcido Lucas, intacto, luz
sobre os degraus ocres de uma certa escada na eloquên-
cia da tarde
pai, esse aqui é Lucas
A sombra da barba um remoto azul, areia-anil num copo
d'água
ele gosta de muros, pai
como?
você ficou tão pálido... o que foi, pai?
Minhas frases emboladas, não nada tudo bem só estava
concentrado hein? não não sim sou jornalista, sim,
comentários políticos, resenhas sobre ensaios, às vezes
literatura sim, poesia? não nunca, poesia já é mais com-
plicado
Lucas faz História na universidade, pai, mas adora poe-
sia, escreve poemas sobre muros
você quer dizer os poemas nos muros?
não não, falo de muros nos meus poemas
Move-se. Olha os meus livros. O indificador e o médio
alisam as lombadas. Vejo-o de costas agora, é sólido,
crível, nada de angélico ou inefável, e um novo ou tal-
vez um antigo e insuspeitado Lucius irrompe, dois es-
curos e contraditórios, aguçados e leves, violentos e
sórdidos

Transitório, alguém disse, tudo passa, irmão. Escarros na
calçada, dedos-garra nos meus antebraços, estico o pes-
coço e levanto a cabeça para os céus, escuros voluminosos
uma imensa cara, a boca escancarada de nuvens pardas,
abro minha própria boca e grito LUCAS LUCAS
ah era o filho é?
foi o filho que morreu é?
Fulcros ensangüentados, sustentáculos de mim oscilam
de lá para cá, pedaços de frases, a redação do jornal
batalhões de elite treinados, é um artigo do Chomsky
sim, transcreve isso:
mulheres penduradas pelos pés com os seios arranca-
dos, a pele do rosto também arrancada
mas onde? onde?
El Salvador, meu chapa
batalhões de elite treinados, e quem é que treina os
filhos da puta?
os seios arrancados?
mas quem é que treina?
esse Chomsky é um linguista?
Transitório, alguém diz, puro excremento diz o outro, eu
tenho nojo de gente
ah... cara, são situações provisórias...
que beleza de artigo hein? o Chomsky é um dissidente
americano quanto à questão do Vietnã, lembra-se?
Ahn...

Beleza. O que era antes de ti a beleza para mim? O que era o nojo? Beleza...

aquele poema de Baudelaire "Une Charogne", você conhece, Lucas?

"Alors ô ma beauté! Dites à la vermine

Qui vous mangera de baisers,

Que j'ai gardé la forme et l'essence divine

De mes amours décomposés!"

isso, isso

Hoje à noite já não serás mais meu mas dessa fina e fecunda, Essa madrastra que engole tudo, Essa que toma e transmite. Essa escura e finíssima senhora, umidade, frescor, o grande ventre sem decoro recebendo o mundo, migalhas, excremento tripas teu adorado corpo luzente sem decoro, eu, um homem, suguei teu sexo viscoso e cintilante, deboche e clarão na lisura da boca, ajoelhado, furioso de ternura, revi como os afogados a rua do meu passo a via teu adorado corpo luzente, a boca espessa, Lucas Lucas, a madrastra não roerá teus dentes... dentes? Ah... ficam intactos...

mas o carro não está em lugar algum, mas então pega o teu carro, eu vou chamar uma ambulância, ele vai cair, vai desmaiar outra vez, não dá pra gente ficar seguro, deita ele aqui na calçada, deita

O céu formando legiões de espadas, Lucas, não sei se você leu sobre Cartago alguma vez, mas havia toda uma tradição cartaginesa que não permitia a separação de sogro e genro, um costume que não permitia que sogro

e genro vivessem afastados, e um capitão do exército apaixonou-se por um jovem, tornaram-se amantes apesar do fatatório, um era casado e tinha filhas e fez com que o amante se casasse com uma delas... você parece que não está me ouvindo, está onde? tua filha vai sofrer, Lucius alguém vai sofrer?

e não é ético.

ético? que criterioso e maduro para os teus 20 anos, ético é descobrir-se inteiro livre como me sinto agora. minha filha, se pudesse compreender, compreenderia nunca vai compreender. Me ama.

Voltavam ao coração os cães de gelo. Ali. Postados. Guardiães. Os olhos embaçados de furor, as presas cintilando. Cães de gelo. Ou lobos de olhar formoso inundados de cio. Ou um só lobo, Lucius Kod, preso numa armadilha jamais pensada, que oco de si mesmo tentou criar-se novo? Cansado de sua própria oquidão tentou vertir humores, refazer-se em lago, em luz, mas torcido de ociosidade construiu para seu corpo um barco exíguo cravejado de espinhos, verdes espinhos de um cume opulento, úmidos longos espinhos aguçando sua própria matéria de carne, carne de Lucius antes era mansa e tépida, brioso corpo de antes tão educado respondendo rápido a qualquer afago, de mulheres naturalmente, ah sim, naturalmente, mulheres com discursos de várias qualidades, umas de língua altiva rinchando política e sabedoria (os antagonísticos tentando semelhança), espi-

gadas leves, as blusas soltas traduzindo plena liberdade, idéias, corpos elásticos, ágeis, e quantas vezes na cama despencando, gemendo, dóceis como pequenos animais doentes, tremulas encharcadas se abrindo famintas de sua dura vara, cadê o discurso, o critério, a bacia de idéias, cadê pombinha, cadê?

às vezes você fala como se tivesse raiva das mulheres é mesmo, Lucas? não tinha percebido

na hora da cama ninguém faz discurso. nós também não Mulheres. Finíssimas jovens mulheres, perfumadas lânguidas, transparências sombreando coxas, tetas, um olho na minha boca, outro no dinheiro do meu velho. Banqueiro sim. E você não trabalha no banco dele, não? Jornalista, é?

Risadas. Meu pai: pederastas, vadios e vadias, escritores-zinhos de merda, articulistas do meu caralho, você defende essa corja de apartados

pára, pai viciosos, assassinos, miseráveis, e não me venha com discursos, com esse tipo de sensibilidade cretina, ou você pensa que a ordem se faz com choramingas, com coraçõezinhos partidos, com tremeliques, como é que você pensa que se faz uma fortuna, uma empresa de porte, um banco? trabalho e sagacidade rapacidade, não se esqueça

filho da puta, eu que dei tudo o que você sabe, que paguei para que você fosse soi-disant culto, esse que destila idéias como se elas saíssem de um charco de

podridão e de mentiras, como é que você pode provar que são eles que penduram as mulheres pelos pés, essa besteira toda que você repete nos seus artigos? muito bem, pai, você acha que o Chomsky é um crápula também

Chomsky ou a puta que o pariu, então você não sabe que há interesses políticos nisso tudo, há vendidos, há nojentos da esquerda radical e também nojentos da direita radical isso é comigo?

pai, será que você não percebe que um homem lúcido treme de furor, de cólera, de nojo quando sabe que um artigo desses vem de fonte limpa

fonte limpa... como se você soubesse o que é isso fale mais claro

mais claro é o que ando vendo, Lucas e você, afaste-se desse rapaz, me olha, Lucius, me olha, esse rapaz é o namorado da tua filha, o que é que você fala tanto com esse rapazola? amigos meus te viram várias vezes com ele nas ruas, nos bares e então?

O rosto de meu pai é neste instante um tecido de pura enrugado e repulsivo, ofegante se aproxima de mim, torce minha camisa com seus dedos magros, o gesto é rancoroso e abrupto, o hábito de cigarro e hortelã é cálido sobre a minha cara.

Eu não sou o que sou, digo para mim mesmo, como se jogasse nenúfares num tanque de águas podres. Eu não

sou o que sou. Iago também disse isso. Não há nenhuma Desdêmona por aqui, mas há os desatinados finais de Otelo, o verde de lascívia luminosa, verde em mim fervilhante de larvas, de pontiaguda fereza, olho essa cintilância que é a tua cara e percebo pouco, ou será que não te vejo inteiro. Quem és, Lucas? Inteiríssimo poeta, de fiel construção, de realza até, severo conceitos muito éticos — tua filha vai sofrer

e eu não sou o que sou, sendo este que sou agora, devo dizer que umas cordas feitas de sangue e plasma me amarram a ti, estou inteiro úmido de cólera porque vi que os teus olhos olharam o muito supostamente viril atravessando a rua e que o teu olhar foi de cumplicidade e de desejo e que os traços do teu rosto não são mais daquele inteiríssimo poeta, são vincos pesados e solenes sim, mas de um reles prostituto
tensionado, Lucas?

por quê?
alguém atravessando a rua te olhou desejoso e perplexo, não foi?
não, não vi

Eu não sou o que sou, fico me repetindo, nem fêmea alguma e macho muito menos me colocaram aqui neste tempo onde estou, tempo desordenado, avessos de um rumo, grandes areias negras tumultuadas, cascalhos, brilhos
então não viu? trocaram olhares e um não viu o outro?
não, não vi

Como é o rosto do cinismo? E o da levandade? Vou andando, ele um pouco à frente e eu atrás, por quê? Para tomar distância e ver se o acreditam sozinho pela rua e tentam assim a abordagem, para ver de início o olhar distraído daquele que passa, e em seguida o tropeçante, o fascínio, o sedoso voltar-se das mulheres, a perplexidade desejosa dos homens incrível como te olham, não? Viu?
Viu?
não, não vi

quer quer? quer água, moço?
agora ele está abrindo os olhos
já foram chamar a ambulância
alguém morreu e ele ficou assim?
quem morreu? foi o filho, foi?
a gente segue sempre os queridos que se foram como é que a senhora disse, dona?
a gente vai com eles
com quem?
com os nossos queridos
vamos logo depois
às vezes demora
Te seguindo sigo apenas a mim mesmo. Quem foi que disse que o “cicarejo de sua aldeia lhe parecia o mur-múrio do mundo”? Te sigo, Lucas, as faces estufadas me olhando estendido na calçada. O lustroso das caras.

O baço das caras. As bocas pendentes soletRANDo pala-
vras. Explosão de fúria quando vi a ambiguidade agarra-
da aos altos pomos da tua cara, Lucas, quando vi que
não sabia da tua identidade, eras aquele que me mos-
trava o poema?

Muros escuros, tímidos
escorpiões de seda
no acanhado da pedra.

Escorpião de seda. Pulsando silencioso ali entre as frin-
chas. Ou eras o outro no quase escuro do quarto.
Úmido. De seda. Tua macia rouquidão. Igualzinha à
macia rouquidão de uma sonhada mulher, só que não
eras uma mulher, eras o meu eu pensado em muitos
homens e em muitas mulheres, um ilógico de carne e
seda, um conflito esculpido em harmonia, luz dorida
sobre as ancas estreitas, o dorso deslizando e rijo, a nuca
sumarenta, omoplatas lisas como a superfície esquecida
de um grande lago nas alturas, docilidade e submissão
de uma fêmea enfim subjugada, e aos poucos um
macho novamente, altivo e austero, enfiando o sexo na
minha boca

Viscoso. Cintilante. Pela primeira vez o meu olhar
encontrava a junção do nojo e da beleza. Pela primeira
vez, em toda a minha vida, eu, Lucius Kod, 35 anos,
suguei o sexo de um homem. Deboche e clarão na lisu-
ra da boca.
Ajoelhado, redondo de ternura, revi como os afogados a
rua do meu passo, a via.

Lucius,
os dois homens me tomaram como duas fomes, duas
mandíbulas. Um clarão de dentes. Sorriam enquanto
tiravam as camisas. Vagorosamente desabotoaram os
botões. Cheguei a sorrir porque os gestos eram como que
ensaiados, lentos... lentos.. idênticos. Depois os cintos
escuros, as fivelas de metal. Depois as calças. Imagine,
dobraram as calças, acertaram os vinctos, colocaram as
calças no espaldar da poltrona. Pensei: eles estão brin-
cando. E disse: vocês estão brincando. Sorriam. O olhar
era afável. Meus pulsos amarrados atrás das costas.
muito bem, garotão, vai ficar manso pra tudo ficar mais
fácil

começa chupando a minha pica enquanto o meu amigo
te usa feito dona
vocês só podem estar brincando
pode chamar de brincadeira se quiser, garotão
Eu queria saber o porquê e quem mandou. E aí recebi
um violentíssimo bofetão.

Comecei a sangrar pelo nariz.
Antes do derradeiro, antes da sombra, pensando naque-
les muros que vi, no úmido deslizando sobre a pedra, na
solidão dessa matéria feita por Deus, na minha própria
solidão... Mulheres, homens, a mãe que me acariciava
extasiada...

A futilidade de todos os olhares que um dia recebi, a

futilidade de todas as falas que um dia ouvi... e agora as bocas molhadas sobre o meu peito. Detalhes? Um deles me espancava com a fivela do cinto até que o outro ejaculasse.

Bateram-me na boca também e beijaram minha boca esfacelada. Antes da sombra, Lucius, quero dizer da dor de não ter sido igual a todos. Minha alma velha busca-va entendimento. Quero dizer da dor mas não sei dizer. Estou sangrando por todos os buracos.

O velho diz que ele seduziu o filho que é doutor. Fizemos como o velho mandou: um pouco arrebatado mas nem tanto

disso ele não morre
gostoso o garotão

até que posso entender o filho doutor
vamos. o velho vai passar por aqui. quer ver o serviço
Teu pai veio ver o serviço, Lucius. Saiu há pouco. A porta
ficou entreaberta.

Sentou-se na beirada da cama. Passou a unha ao longo
da minha espinha.

vai ter tudo comigo, moço. Afaste-se de meu filho.

Antes do derradeiro, antes da sombra, o revólver em
cima da mesa, queres me perguntar o que sente alguém
diante da dama escura? Sinto frio, Lucius. A parede
aquí do quarto frente à mesa está toda manchada. As
manchas formaram desenhos, figuras: a cabeça coroadada
de um velho. A coroa parece de flores.

Um pássaro com fios entodilhados no bico. Um menino sem cabelos olhando um quase-rio. O velho que eu seria se não escolhesse a morte? O pássaro que a minha alma pretendia? Eu mesmo, o de antes, contemplando o tempo-água que é e não é o mesmo e no entanto corre e sem te tocar te modifica inteiro? Há um acúmulo de significados tomando conta das coisas neste instante, as coisas estão crescendo de significado. A pedra prateada em cima da mesa... um amigo me trouxe lá dos Andes... não e só a pedra prateada que um amigo me trouxe lá dos Andes, é um mais sem nome, impossível de decodificar para você. Um livro de poemas que eu comprei numa livraria perto da universidade, não é mais um livro de poemas de Petrarca, ele pulsa, e o perfil do poeta no centro da capa brilha como a luz da tarde. Por que tudo brilha e é mais? Apenas porque me despeço? Quando nos beijamos naquela antíquíssima tarde, a consciência de estar beijando um homem foi quase intolerável, mas foi também um sol se adentrando na boca, e na luz azulada desse sol havia uma friez de água de fonte, uma diminuta entre as rochas, e beijei tua boca como qual-quer homem beijaria a boca do riso, da volúpia, depois de anos de inocência e austeridade.

posso te tocar um pouco, menino?
Eu estava de bruços e suspendi a cabeça para ver.
A boca do teu pai tremia.
Ele beijou minha boca ensangüentada. Eu sorri. De
pena da volúpia.

(1)

Muros longínquos
Na polidora esgarçada dos sonhos.
Tão altos. Fulgindo iluminuras.
Muros de como te ameí: Brindisi.
Altamura
E muros de chegança. De querença.
Aquecidos. Anchos.
O teuro entrelaçado à tua fala:
Teu muro de criança.

(II)

Muros dilatados de doçura:
Romãs. Dálías purpúreas.
Irmãos adultos
Recostados na manhã de chuvas.
Muros do encantado da luxúria.
Fendas. Nesgas de maciez.

100 *Hilda Hilst*

(III)

Muros prisioneiros de seu próprio murar.
Campos de morte. Muros de medo.
Muros silvestres, de ramagens e ninhos:
Os meus muros da infância. Esfácelados.
Muros de água. Escuros. Tua palavra:
Um mosaico de vidro sobre o rosto altivo.
Devo me permitir te repensar?

(IV)

Muros intensos
E outros vazios, como furos.
Muros enfermos
E outros de luto
Como o todo de mim
Na tarde encarcerada
Repensando muros.
A alma separada de ti
Vai conquistar a chaga de saltar.

RÓTILOS 101

(V)

Muros agudos
Iguais à fome de certos pássaros
Descendo das alturas.
Muros loucos, desabados:
Poetas da Utopia e da Quimera.
Muro máscara disfarçado de heras.
Muros acetinados iguais a frutos.
Muros devassos vomitando palavras.
Muros taciturnos. Severos.
Como os lúcidos pensadores
De um sonhado mundo.

(VI)

Muros castos e tristes
Cativos de si mesmos
Como criaturas que envelhecem
Sem conhecer a boca
De homem e mulheres.
Muros escuros, tímidos:
Escorpiões de seda
No acanhado da pedra.

Há alturas soberbas
Danosas, se tocadas.
Como a tua própria boca, amor,
Quando me toca.

(VII)

Muros cendrados.
De estio. De equívoca clausura.
Lá dentro um fluxo voraz
De sentimentos, um tecido
De escamas. Sangue escuro.
Lá. Depois do muro.

Criança me debrucei
Sobre a tua cinzenta solidez.
E até hoje me queima
A carne da cintura.

Até um dia. Na noite ou na luz. Não devo sobrevi-
ver a mim mesmo. Sabes por quê? Parodiando aquele
outro: tudo o que é humano me foi estranho.

Hilda Hiss

OBRA S PUBLICADAS
DE HILDA HILST

POESIA

- Presságio*. Ilustrações de Darci Penteado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950.
- Balada de Alzira*. Ilustrações de Clóvis Graciano. São Paulo: Edições Alarico, 1951.
- Balada do festival*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1955.
- Roteiro do silêncio*. Rio de Janeiro: Anhambi, 1959.
- Trovas de muito amor para um amado senhor*. Prefácio de Jorge de Sena. São Paulo: Anhambi, 1960.
- Ode fragmentária*. Capa de Fernando Lemos. São Paulo: Anhambi, 1961.
- Sete cantos do poeta para o arjo*. Ilustrações de Wesley Duke Lee. Prefácio de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Massao Ohno, 1962.
- Poesia (1959/1967)*. São Paulo: Sal, 1967.
- Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Capa e ilustrações de Anésia Pacheco Chaves. São Paulo: Massao Ohno, 1974.
- Da morte. Odes mínimas*. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.
- Poesia (1959/1979)*. Capa de Canton Jr.; ilustração de Bastico. São Paulo: Quiron/INL, 1980.

Cantares de perda e predileção. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Massao Ohno/M. Lydia Pires e Albuquerque, 1983.

Poemas molhados, gozados e devotos. Capa de Tomie Ohake. Prefácio de Leo Gilson Ribeiro. São Paulo: Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984.

Sobre a tua grande face. Capa de Kazuo Wakabayashi. São Paulo: Massao Ohno, 1986.

Amanesse. Capa de Cid de Oliveira. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

Alcoólicas. Xilogravura da capa de Antônio Pádua Rodrigues: ilustrações de Ultrajara Ribeiro. São Paulo: Maison de Vins, 1990.

Bufélicas. Capa e desenhos de Jaguar. São Paulo: Massao Ohno, 1992.

Do desejo. Capa de João Baptista da Costa Aguiar. Campinas: Pontes, 1992.

Cantares do sem nome e de partidas. Capa de Arcangelo Ianelli. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

Do amor. Capa de Arcangelo Ianelli. Prefácio de Edson Costa Duarte. São Paulo: Edith Arnold/Massao Ohno, 1999.

FICÇÃO

Fluxo-floema. Prefácio de Anatol Rosenfeld. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Qadós. Capa de Maria Bonomi. São Paulo: Edart, 1973.

Ficções. Capa de Mora Fuentes. Apresentação de Leo Gilson Ribeiro. São Paulo: Quiron, 1977.

Tu não te moves de ti. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Cultura, 1980.

A obscena senhora D. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Massao Ohno, 1982.

Com meus olhos de cão e outras novelas. Capa de Maria Regina Pilla; desenho da capa de Hilda Hilst. São Paulo: Brasiliense, 1986.

O caderno rosa de Lori Lamby. Ilustrações e capa de Millôr Fernandes. São Paulo: Massao Ohno, 1990.

106 Hilda Hilst

Contos d'escárnio. Textos grotescos. Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Siciliano, 1990. 2. ed., São Paulo: Siciliano, 1992.

Cartas de um sedutor. Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Paulicéia, 1991.

Ruído nada. Capa de Mora Fuentes e Olga Bilenky. Campinas: Pontes, 1993.

Estar sendo. Ter sido. Capa de Cláudia Lammoglia; foto da capa de Catherine A. Krulik; ilustrações de Marcos Gabriel. Prefácio de Clara Silveira Machado. São Paulo: Nankin, 1997; 2. ed., São Paulo: Nankin, 2000.

Cascos e cartelas: crônicas reunidas (1992/1995). Capa de Cláudia Lammoglia; foto da capa de J. Toledo. São Paulo: Nankin, 1998; 2. ed., São Paulo: Nankin, 2000.

DRAMATURGIA

Teatro reunido. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Nankin, 2000. v. I.

PARTICIPAÇÃO EM COLETÂNEAS

Agüenta coração. In: COSTA, Flávio Moreira da. *Onze em campo e um banco de primeira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998. pp. 39-40.

Canto Terceiro, XI (*Balada do Festival*). In: CAMPOS, Milton de Godoy (org.). *Antologia poética da Geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966. pp. 114-5.

Ruído nada. In: PALLOTINI, Renata (org.). *Anthologie de la poésie brésilienne*. Tradução de Isabel Meyrelles. Paris: Chandeigne, 1998. pp. 373-81.

Gestalt. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 332-3.

RÓTULOS 107

Do desejo (fragmentos), *Alcodificas* (fragmentos). In: MORRICONI, Italo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 289-90, 293-5.

Do desejo (poema XLIX). In: PINTO, José Neumann. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 230.

Poeti *brasiliani contemporanei*. Prefácio e seleção de Silvio Castro. Veneza: Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 1997. pp. 64-75.

EM PARCERIA

Remina Katz: serigrafias. Poema de Hilda Hilst. São Paulo: Cesar, 1970.

TRADUÇÕES

PARA O FRANCÊS

Contes sarcastiques – fragments érotiques. Tradução de Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: Gallimard, 1994.

L'obsène madame D survi de Le chien. Tradução de Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: Gallimard, 1997.

Agda (fragmento). *Brasileiras*. Organização de Clélia Pisa e Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: França, 1977.

Sur ta grande face. Tradução de Michel Riaudel. *Pleine Marge*, Paris, n. 25, pp. 33-51, maio 1997.

Da morte. Odes mínimas/De la mort. Odes minimes. Edição bilingüe. Tradução de Alvaro Faleiros. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo/Montréal: Nankin/Noroît, 1998.

108 Hilda Hilst

PARA O ITALIANO
Il quaderno rosa di Lord Lambly. Tradução de Adelina Aletti. Milano: Sonzogno, 1992.

PARA O ESPANHOL
Rútilo nada. Tradução de Liza Sabater. *De azur*. New York, pp. 49-59, jun./ago. 1994.

PARA O INGLÊS

Glittering Nothing. Tradução de David William Foster. In: FERREIRA-PINTO, Cristina (Edited, with an Introduction and Notes). *Urban Voices: Contemporary Short Stories from Brazil*. New York: University Press of America, 1999.

Two Poems. Tradução de Eloah F. Giacomelli. *The Antigoniash Review*, Scotia, n. 20, p. 61, 1975.

PARA O ALEMÃO

Briefe eines Verführers (*Cartas de um sedutor*, fragmento). Tradução de Mechthild Blumberg. *Sinn. Zeitschrift für Literatur*, Bremen, n. 27, ano 15, pp. 28-30, out. 2001.

Funkelndes Nichts (*Rútilo nada*). Tradução de Mechthild Blumberg. *Sinn. Zeitschrift für Literatur*, n. 29, ano 15, Bremen, pp. 54-66, ago. 2001.

Vom Tod. Minimale Oden (*Da Morte. Odes Minimas*) (Odes I, IV, V, VI, VIII, XII, XIX e poemas I e III de "À tua frente. Em verdade"). Tradução de Curt Meyer-Clason. In: *Modernismo Brasileiro und die brasilianische Lyrik der Gegenwart*. Berlin, 1997.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA SOBRE HILDA HILST*

LIVROS E ARTIGOS EM LIVROS

- BRAGA, Dulce Salles Cunha. *Autores contemporâneos brasileiros: depoimentos de uma época*. São Paulo: Giordano, 1996. pp. 126, 147-248. (Memória)
- BRANCO, Lúcia Castello. A (im)possibilidade da escrita feminina. In: ———. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria/TLC Livros Técnicos Científicos, 1989.
- CASTELLO, José. Hilda Hilst — a maldição de Polatch. In: *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 91-108.
- COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst: A metamorfose de nossa época: *Fluxo-floema e Qadós: a busca e a espera*. In: ———. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993. pp. 79-101, 210-21.
- * Fontes suplementares das bibliografias: Instituto Moreira Salles. HILDA HILST. *cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, n.º 8, out. 1999. YONAMINE, Marco Antônio. *Arbusto das pulsões: as configurações da sexualidade em A obscena senhora D*, de Hilda Hilst. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.
- . Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. In: ———. *Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: GRD/Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989.
- DUARTE, Edson Costa. A poesia amorosa de Hilda Hilst. In: HILST, Hilda. *Do amor*. São Paulo: Edith Arnold/Massao Ohno, 1999. pp. 89-95.
- , & MACHADO, Clara Silveira. A vida: uma aventura obscena de tão lúcida. In: HILST, Hilda. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997. pp. 119-24.
- MEDINA, Cremilda. Hilda Hilst. A palavra, braço do abismo à lucidez. In: ———. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985. pp. 237-48.
- MILLIET, Sérgio. 1949-1950. In: ———. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d, v. 7, pp. 297-8.
- . 1955-1956. In: ———. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d, v. 10, pp. 57-60.
- QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- RIBEIRO, Leo Gilson. [Apresentação]. In: HILST, Hilda. *Frigôes*. São Paulo: Quiron, 1977. pp. IX-XII.
- . Hilda, encantamento místico inigualável. In: ———. *Poemas maléficos, gozoxos e devotos*. São Paulo: Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984. pp. 9-16.
- ROSENFELD, Anatol. Hilda Hilst: poeta, narradora, dramaturga. In: HILST, Hilda. *Fluxo-floema*. São Paulo: Perspectiva, 1970. pp. 10-7.
- . O teatro brasileiro atual. In: ———. *Prismas do teatro*. São Paulo: Perspectiva, Edusp/Campinas: Editora da Unicamp, 1993. pp. 167-8.
- RUSCHEL, Rita. Hilda Hilst. In: ———. *Meus tesouros da juventude*. São Paulo, Summus, 1983. pp. 51-63.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. Ferocidade das fêmeas. In: *Tas super-factis: estética e semiologia*. Rio de Janeiro: Oti Editor, 1998. pp. 49-52.

- SENA, Jorge de. Prefácio. In: HILST, Hilda. *Trovas de muito amor para um amado senhor*. São Paulo: Anhambi, 1960. pp. 5-7.
- _____. Trovas de muito amor para um amado senhor – Hilda Hilst. In: *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. pp. 161-2.
- _____. Palavras de Jorge de Sena (a propósito de *Trovas de muito amor para um amado senhor*). In: HILST, Hilda. *Poesia (1959/1979)*. São Paulo/Brasília: Quiron/INL, 1980. pp. 273-4.
- VINCENZO, Elza Cunha de. O teatro de Hilda Hilst. In: _____. *Um teatro da mulher*. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 33-8.
- ARTIGOS EM JORNAIS E PERIÓDICOS
- ABREU, Caio Fernando. Um pouco acima do insensato mundo. *Leia*, São Paulo, fev. 1986.
- _____. A festa erótica de Hilda Hilst. A-Z, São Paulo, n. 126, 1990.
- _____. Deus pode ser um flamejante sorvete de cereja – Hilda Hilst. *Leia*, São Paulo, jan. 1987.
- ALBUQUERQUE, Gabriel. Os nomes de Deus. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 25-8, abr. 2001.
- ARCO E FLEXA, Jairo. Muita agonia. *Véja*, São Paulo, 7 jan. 1981.
- ARÊAS, Vilma, & WALDMAN, Berta. Hilda Hilst: o excesso em dois registros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1989.
- BARROS, André Luiz. Obscena senhora. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 1995.
- BARROS, Benedito Ferri de. Para o filisteu ler escondido. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 2 fev. 1991.
- BLUMBERG, Mechthild. Entretien avec Hilda Hilst. *Infos Brésil*, Paris, n. 167, mar. 2001.
- BRASIL, Ubiratan. Uma viagem pelas raras palavras de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2001. Caderno 2.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. O fruto proibido. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 set. 1952.
- CECHELERO, Vicente. Hilda Hilst explora alegorias em texto sobre a morte. *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 1998.
- CICCACIO, Ana Maria. Novembro, mês fértil para Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 13 out. 1989.
- GOELHO, Nelly Novaes. *Quêds: a busca e a espera*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 mar. 1974.
- _____. Hilda Hilst: entre o eterno e o efêmero. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1984.
- _____. A agonia dialética de *A obscena senhora D*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1983.
- COLI, Jorge. Lori Lamby resgata paraíso perdido da sexualidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991.
- _____. Meditação em imagens. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 1996.
- COMODO, Roberto. O fecho de uma trilogia erótica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 set. 1991.
- DAMBROSIO, Oscar. O sexo sem metáforas. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 26 out. 1991.
- _____. Guimarães Rosa encontra seu duplo: Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 1987.
- ERCILOIA, Maria. Cartas de uma senhora obscena: Uma mulher de leitura fácil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1º set. 1991. Revista D.
- FABIA, Álvaro Alves de. Poesia iluminada de Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 29 nov. 1986.
- _____. Hilda Hilst, o silêncio estrondoso. *Caros Amigos*. São Paulo, dez. 1998.
- FLORILLO, Marília Pacheco. Para refletir *Véja*, São Paulo, 16 abr. 1980.
- FOSTER, David William. Hilda Hilst. *Rútilo Nada, A obscena senhora D. Quêds*. LYON, Ted (ed.). *Chasqui* (Revista de literatura latinoamericana), Texas, v. XXIII, n. 2, pp. 168-70, nov. 1994.
- FRAGATA, Cláudio. Entre a física e a metafísica, Hilda Hilst. *Globo Ciência*, São Paulo, ago. 1996.

- PUENTES, José Luis Mora. Entre a rameira e a santa. *Cult*, São Paulo, n. 12, pp. 14-5, jul. 1998.
- FURIA, Luitza Mendes. Hilda Hilst percorre o caminho da imortalidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1997.
- GIACOMELLI, Eloah F. Hilda Hilst na "jornada pelo interior do país da Mente". *O Estado de S. Paulo*, 30 out. 1977.
- _____. The Brazilian woman as writer. *Branching Out*, Canadá, v. II, n. 22, mar/abr. 1975.
- GIRON, Luis Antônio. Hilda Hilst: ela foi uma boa menina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1988.
- GONÇALVES, José Eduardo. O exílio delicado da paixão. *Palavra*. Belo Horizonte, set. 1999.
- GONÇALVES, Delmiro. O sofrido caminho da criação artística segundo Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1973.
- GRAIEB, Carlos. Hilda Hilst expõe roteiro do amor sonhado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1995.
- GRANDO, Cristiane. Leitura genética do poema "Se tivesse madeira e ilusões", de Hilda Hilst. *Manuscritica*. revista de crítica genética. São Paulo, mar. 1998.
- _____. Manuscritos e processos criativos. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 22-4, abr. 2001.
- GUAIUME, Silvana. Tormenta de cães e terra. *Correio Popular*, Campinas, 26 out. 1997.
- GUIMARÃES, Elisa. Novelas de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 abr. 1987.
- INSTITUTO Moreira Salles. *HILDA HILST. Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8, out. 1999.
- JOSEF, Bella. Hilda Hilst: o poeta, a palavra e a morte. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*, Belo Horizonte, 12 dez. 1981.
- _____. Hilda Hilst: as trevas luminosas da poesia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1986.
- JUNQUEIRA, Ivan. Sete faces da embriaguez. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1992. Idéias/Livros & Ensaios.
- LEITE NETO, Alcino. Hilda Hilst revela poema inédito de Drummond. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991.

- LEMBO, José Antonio. Um pouco além da sexualidade. Rumo ao obscuro. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 out. 1990. Caderno de Sábado.
- LIMA, Mariângela Alves de. Sem pés na terra. *Véja*, São Paulo, 25 abr. 1973.
- LINDON, Mathieu. Hilda Hilst, la mère des sarcasmes. *Liberation: Les cahiers Livres de Libération/littérature étrangère*, Paris, 17 nov. 1994, p. 6.
- LUIZ, Macksen. Teatro – *As aves da noite*. Vão sem alance. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 set. 1982.
- LUSVARGHI, Luitza. A literatura é mulher. *Feminino plural*. *Leia*, São Paulo, Ano XL, n. 135, jan. 1990.
- MACHADO, Álvaro. "Ninguém me leu, mas fui até o fim", diz Hilda Hilst. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1990.
- MACIEL, Pedro. Sexo, álcool e desilusão. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 set. 1997.
- MARIA, Cleusa. A verdade extrema de Hilda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 set. 1982.
- MARTINS, Wilson. A provocadora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1999.
- MASCARO, Sônia de Amorim. Hilda Hilst. Uma conversa emocional sobre a vida, a morte, o amor e o ato de escrever. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 21 jun. 1986.
- MASSI, Augusto. Singular senhora. *Leia Livros*, São Paulo, out. 1983.
- _____. Hilda Hilst, "tecela de um texto total". *Correio Popular*, Campinas, 5 jun. 1984.
- MAYRINK, Geraldo. Dona da palavra. *Véja*, São Paulo, 21 maio 1997.
- MENDONÇA, Paulo. Teatro – Hilda Hilst. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 set. 1968.
- MORAES, Eliane Robert. A obscena senhora Hilst. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 maio 1990. Idéias/Livros.
- MOURA, Diógenes. A clausura de Hilda Hilst. *Repubblica*, São Paulo, jun. 1997.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Notas marginais sobre o erotismo: *O caderno rosa de Lorr Lambly*. *Travessia*, Florianópolis, n. 22, 1991.

- NASCIMENTO, Paulo César do. Hilda Hilst e Deus: um velho caso de amor. *O Estado de S. Paulo*, 18 jun. 1986.
- NETTO, Cecília Elias. A santa pornográfica. *Correio Popular*, Campinas, 7 fev. 1993.
- OLIVEIRI-GODET, Rita, & RIAUDEL, Michel. Hilda Hilst et Adéla Prado – Poèmes. *Pleine Marge*: cahiers de littérature, d'arts plastiques et de critique. Paris, Éditions Peeters-France, 1997.
- _____. Introduction à *Sur ta grande face*, *Pleine Marge*, Paris, n. 25, maio 1997.
- PÉCORÁ, Alcir. Não é pornográfica a pornografia de Hilda Hilst. *Correio Popular*, Campinas, 7 nov. 1991.
- _____. A moral pornográfica. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 16-9, abr. 2001.
- _____, & HANSEN, João Adolfo. Tu, minha anta, HH. *Revista USP*, São Paulo, n. 36, 1998.
- PORRO, Alessandro. Hilda Hilst lança novo romance e se diz incompreendida por público e crítica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 maio 1997.
- QUINLAN, Susan Canby. O exílio fictício em *A obscena senhora D* de Hilda Hilst. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, Berkeley, 20(40): 62-8, 1994.
- REALI JÚNIOR. Franceses vibram com Hilda Hilst, a "mãe dos sarcasmos". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. 1994.
- RIAUDEL, Michel. Contes sarcásticos (fragments érotiques). *Infos Brésil*, Paris, n. 96, out. 1984.
- _____. *L'obsène madame D* suivi de "Le chien". *Infos Brésil*, Paris, n. 127, pp. 20-1, jul./set. 1997.
- RIBEIRO, Leo Gilson. O vermelho da vida. *Véia*, São Paulo, 24 abr. 1974.
- _____. Punhal destemido. *Revista Leia*, São Paulo, jan. 1987.
- _____. Luminosa despedida. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 mar. 1989.
- _____. A morte saudada em versos iluminados. Por Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 18 out. 1980.
- _____. Os versos de Hilda Hilst integrando a nossa realidade. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 fev. 1981.
- _____. Mais uma obra de Hilda Hilst. Com todos os superlativos. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 20 nov. 1982.
- _____. Hilda Hilst, cósmica e atemporal. Em busca de Deus. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 jan. 1987.
- RIBEIRO, Rodrigo. Petronio. Passeio pelo mistério. *Bravo!*, São Paulo, set. 1999.
- ROSENFELD, Anatol. O teatro de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jan. 1969. Suplemento Literário.
- SÁ, Sérgio de. Hilda Hilst. *Correio Braziliense*, Brasília, 15 fev. 1998.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. Sobre a ferocidade das fêmeas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1994.
- SCALZO, Fernanda. Hilda Hilst profissionaliza "bandalheira" em novo livro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 out. 1990.
- _____. Hilda Hilst vira pornografia para se tornar conhecida e vender mais. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 maio 1990.
- SCALZO, Nilo. A certeza de não sair de mãos vazias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 maio 1984.
- SCHULKE, Evelyn. A vida escrita no feminino. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 7 out. 1978. O Seu Caderno de Programas e Leituras.
- SECRETARIA da Cultura do Estado de Minas Gerais. A escrita-vertigem de Hilda Hilst. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*, Belo Horizonte, n. 70, abr. 2001.
- SCWARTZKOPFF, Hella. Perto do coração selvagem. *Aqui*, São Paulo, 10-16 fev. 1971.
- SILVEIRA, Helena. As vozes de Hilda Hilst. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1973.
- STYGER, Maurício. Hilda Hilst. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1997.
- SUSSEKIND, Flora. Corpo e palavra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1977.
- TALAR, Cida. A difícil Hilda Hilst lança o seu 15º livro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 nov. 1982.

- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Balada do festival. *Journal de Letras*, 29 set. 1955.
- THEVENET, Cláudia. Hilda Hilst revê seus livros polêmicos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jun. 1998.
- VALENÇA, Jurandy. Novas traduções para Hilda Hilst. *Correio Popular*, Campinas, 15 out. 1995.
- VASCONCELOS, Ana Lúcia. Hilda Hilst: a poesia arrumada no caos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 set. 1977.
- WEINTRAUB, Fabio. Poeta se mantém fiel a temas e imagens. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago. 1996.
- WERNECK, Humberto. Hilda se despede da seriedade. *Journal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.
- WILLER, Cláudio. Pacto com o herético. *Journal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.
- _____. A luz especial que brilha nessas odes: *Da Morte. Odes mínimas. Isolô*. São Paulo, 15 fev. 1980.
- _____. O conflito entre a sociedade e o escritor. *Journal da Tarde*, São Paulo, 26 maio 1990.
- [Sem assinatura.] Esperando Haydum. *Véia*, São Paulo, 9 dez. 1970.
- _____. Poetisa tem duas peças em cartaz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 dez. 1968.
- _____. O teatro de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1969.
- _____. Hilda Hilst. *Journal da Tarde*, São Paulo, 23 abr. 1974.

ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

- ARAÚJO, Celso, & FRANCISCO, Severino. Nossa mais sublime galáxia. *Journal de Brasília*, Brasília, 23 abr. 1989.
- BOJUNGA, Cláudio. Quatro conversas com o mistério Hilda Hilst. *Journal da Tarde*, São Paulo, 24 jun. 1972.
- BUENO, Maria Aparecida. Hilda Hilst. In: *Quatro mulheres e um destino* (Hilda Hilst, Fernanda Torres, Fernanda Montenegro e

- Eliane Duarte). Rio de Janeiro, Uapê, 1996. pp. 18-52. Coleção Arte e Psicanálise.
- CARDOSO, Beatriz. A obscena senhora Hilst. *Interview*, São Paulo, out. 1994.
- CASTELLO, José. Hilda Hilst troca pornô por erotismo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1992.
- FURIA, Luíza Mendes. Hilda Hilst percorre o caminho da imortalidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1997. Caderno 2.
- HILDA Hilst para virgens: vídeo de Taciara Chiquetti, Hebe Rios e Julyana Troya. Campinas, Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica, nov. 2001.
- MAFRA, Inês, & KARR, Fernando. Hilda Hilst: um coração em segredo. *Nicolau*, Curitiba, n. 51, p. 43, nov./dez. 1993.
- RIBEIRO, Leo Gilson. Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 1980.
- _____. Hilda Hilst. *Revista Goodyear*, São Paulo, pp. 46-51, 1989.
- RUSCHEL, Rita. Especial: Hilda Hilst. Disponível em: <http://www.capitu.com.br/spg/content/capitu/acerv/mpg.asp?referenc=hilda_hilst>.
- VALENÇA, Jurandy. Hilda Hilst cria personagem marcante. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1996.
- VÁRIOS autores. Hilda Hilst: fragmentos de uma entrevista. *Pirâmide (Revista de Vanguarda, Cultura e Arte)*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, pp. 51-65, 1981.
- _____. Um diálogo com Hilda Hilst. In: _____. *Feminino singular (A participação da mulher na literatura brasileira contemporânea)*. São Paulo: GRD/Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989. pp. 136-60.
- _____. Das sombras. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 8, out. 1999.
- WEINTRAUB, Fabio; COHN, Sérgio; GORBAN, Ilana, & WEISS, Marina. Os dentes da loucura. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*, Belo Horizonte, n. 70, abr. 2001.
- ZENI, Bruno. Hilda Hilst. *Cult*, São Paulo, n. 12, pp. 6-13, jul. 1998.

DISSERTAÇÕES E TESES

- AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. *Holocauso das fadas: a trilogia obscena e o carnelo bufólico de Hilda Hilst*. (Mestrado em Teoria Literária). São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- BORSERO, Cássia Rossana. *A mãe dos sarcasmos*. (Bacharelado em Comunicação Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.
- CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Leituras malbadas*. (Doutorado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1996.
- GRANDO, Cristiane. *Amarisse de Hilda Hilst. Edição genética e crítica*. (Mestrado em Língua e Literatura Francesa). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.
- MACCHADO, Clara Silveira. *A escritura delirante em Hilda Hilst*. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1993.
- MAFFRA, Inês da Silva. *Paixões e máscaras: interpretação de três narrativas de Hilda Hilst*. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.
- TODESCHINI, Maria Thereza. *O mito em jogo: um estudo do romance A obscena senhora D, de Hilda Hilst*. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.
- YONAMINE, Marco Antônio. *Arabesco das pulsões: as configurações da sexualidade em A obscena senhora D, de Hilda Hilst*. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.

CRONOLOGIA

- 1930, 21 de abril – Hilda Hilst nasce em Jaú (SP), às 23h45, numa casa da rua Saldanha Marinho. Filha de Bedecilda Vaz Cardoso, imigrante portuguesa, e de Apolônio de Almeida Prado Hilst, fazendeiro de café, escritor e poeta.
- 1932 – Bedecilda separa-se de Apolônio, mudando-se para Santos (SP) com Hilda e Ruy Vaz Cardoso, filho do primeiro casamento. Instalam-se na avenida Vicente de Carvalho, nº 32.
- 1935 – Curso o jardim-de-infância no Instituto Brás Cubas, na cidade de Santos. Em Jaú, Apolônio é diagnosticado esquizofrênico paranoico.
- 1937 – Ingressa como aluna interna no Colégio Santa Marcelina, em São Paulo (SP), onde cursará o primário e o ginásial.
- 1944 – Ao concluir o ginásial, passa a morar na residência de Ana Ivanovna, situada à rua Alemanha, no Jardim Europa, em São Paulo.
- 1945 – Começa o secundário no Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde permanece até a conclusão do curso.
- 1946 – Muda-se para uma casa situada à rua Teixeira de Souza.
- 1948 – Entra na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo.

- 1950 – Publica seu primeiro livro de poesia, *Presságio*.
- 1951 – Publica seu segundo livro de poesia, *Balada de Alzira*. É nomeada curadora do pai.
- 1952 – Recebe o diploma de bacharelado em Direito.
- 1953 – Trabalha no escritório de advocacia do dr. Abelardo de Souza, em São Paulo.
- 1954 – Demite-se do escritório e abandona a advocacia. Após viagem à Argentina e ao Chile, muda-se para o apartamento da mãe, no par-que Dom Pedro II, em São Paulo.
- 1955 – Publica *Balada do festival* (poesia).
- 1957 – Viagem à Europa. Permanece seis meses em Paris. Ainda na França, conhece Nice e Biarritz. Vai para a Itália (Roma) e Grécia (Atenas e Creta). Voltando ao Brasil, muda-se para apartamento na alameda Santos, n.º 2384, São Paulo.
- 1959 – Publica *Roteiro do silêncio* (poesia).
- 1960 – Publica *Trouvas de muito amor para um amado senhor* (poesia). Vaja para Nova York e Paris. Muda-se para casa no bairro do Sumaré, São Paulo. Adoniran Barbosa, inspirado nas poesias da autora, compõe as músicas *Quando te achei* e *Quando tu passas por mim*. O músico José Antônio de Almeida Prado, seu primo, compõe a *Canção para soprano e piano*, a partir de poema desse livro.
- 1961 – Publica *Ode fragmentária* (poesia). O músico Gilberto Mendes compõe a peça *Trouva I*, com base no primeiro poema de *Trouvas de muito amor para um amado senhor*.
- 1962 – Recebe o Prêmio Pen Clube de São Paulo, com a publicação de *Sete cantos do poeta para o arjo*. Frequenta, com intelectuais, o Clube dos Artistas (ou Clubinho), localizado à rua Sete de Abril.
- 1965 – Muda-se para a sede da fazenda São José, de propriedade de sua mãe, em Campinas. Inicia a construção de sua casa, próxima à sede.
- 1966, 24 de setembro – Morte do pai. Na época, Hilda já se transferira para a nova residência, que denominou “Casa do Sol”, onde vive até hoje. A casa será frequentada por artistas das várias áreas.
- 1967 – Começa a escrever suas peças teatrais. Nesse ano concluirá *A empresa (A possessa)* e *O rato no muro*. Publica *Poesia (1959/1967)*.
- 1968, 10 de setembro – Casa-se com Dante Casarini. Nesse ano escreve as peças *O visitante*, *Auto da barca de Camiri*, *O novo sistema* e inicia *As aves da noite*. Na praia de Massaguaçu, próxima a Caraguatatuba, no litoral paulista, inicia a construção da casa que denomina “Casa da Lua”, a qual concluirá no ano seguinte e onde passará algumas temporadas. As peças *O visitante* e *O rato no muro* são encenadas no Teatro Anchieta, em São Paulo, para exame dos alunos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo.
- 1969 – Finaliza, na Casa da Lua, *As aves da noite* e escreve *O verdugo* e *A morte do patriarca*, concluindo sua dramaturgia, que, com exceção de *O verdugo*, permaneceria inédita em livro até o ano 2000. Escreve *Ode descontínua e remota para flauta e oboé* (poesia), posteriormente publicada como parte do livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Inicia sua ficção com o texto “O unicórnio”. Recebe o Prêmio Anchieta de Teatro com a peça *O verdugo*. O músico José Antônio de Almeida Prado compõe *Pequenos funerais cantantes*, a partir dos poemas de *Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo*, incluídos posteriormente em *Poesia (1959/1979)*. *O rato no muro* participa do Festival de Manzales, na Colômbia.
- 1970 – Publica seu primeiro livro de ficção: *Fluxo-fluema*. A peça *O novo sistema* é apresentada no Teatro Veredas, em São Paulo.
- 1971, 31 de maio – Falecimento de sua mãe.
- 1972 – Estréia de *O verdugo* em Londrina (PR).

- 1973 – Lança seu segundo livro de ficção, *Quêds* (título cuja grafia a autora alteraria para *Kadosh*, em 2002). A peça *O verdadeiro* é apresentada no Teatro Oficina, em São Paulo
- 1974 – Publicação de *Júbilo, memória, noticiando da paixão* (poesia).
- 1977 – Ganha o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), na categoria “Melhor Livro do Ano”, com *Ficções*.
- 1980 – Primeira edição de *Da morte. Odes mínimas* (poesia). Publica também *Poesia (1959/1979)* e *Tu não te moves de ti* (ficção). Estréia de *As aves da noite* em São Paulo.
- 1981 – Ganha, da APCA, o Grande Prêmio da Crítica pelo conjunto de sua obra.
- 1982 – Participa do Programa do Artista Residente, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Lança *A obscena senhora D*. A peça *As aves da noite* é apresentada no Teatro Senac, no Rio de Janeiro.
- 1983 – Publica *Cantares de perda e predileção* (poesia).
- 1984 – Lança *Poemas malditos, gozosos e devotos* (poesia). A peça *O rato no muro* é apresentada no Teatro Sesc, em Cascavel (PR). Recebe o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, com *Cantares de perda e predileção*.
- 1985, 26 de abril – Divorcia-se de Dante Casarini. Nesse ano ganha o Prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo, com o livro *Poemas malditos, gozosos e devotos*.
- 1986 – Publicação de *Sobre tua grande face* (poesia) e *Com os meus olhos de cão e outras novelas* (ficção).
- 1989 – Lança *Anuavisse* (poesia).
- 1990 – Publica *Alcoólicas* (poesia) e os dois primeiros títulos da sua trilogia obscena, *O caderno rosa de Lori Lamby* e *Contos d'escárnio. Textos grotescos*.
- 1991 – Lança *Cartas de um sedutor*, encerrando sua trilogia obscena. Estréia, em São Paulo, a peça *Maria malamoros*, adaptação teatral do texto “Malamoros”, que se encontra no livro *Tu não te moves de ti*.
- 1992 – Publica *Byfônicas* (poesias satíricas) e *Do desejo* (poesias). Inicia sua colaboração como cronista no “Caderno C”, do jornal *Correio Popular*, de Campinas. Tradução para o italiano de *O caderno rosa de Lori Lamby*.
- 1993 – Lança *Ruído nada* (ficção). Estréia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de *A obscena senhora D*.
- 1994 – Tradução para o francês de *Contos d'escárnio. Textos grotescos*. Recebe o Prêmio Jabuti por *Ruído nada*.
- 1995 – Seu arquivo pessoal é comprado pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Desliga-se do *Correio Popular* e encerra suas atividades como cronista. Fim do Programa do Artista Residente. Lança *Cantares do sem nome e de partidas* (poesia). Estréia, em São Paulo, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*.
- 1996 – O maestro José Antônio de Almeida Prado, a partir de *Cantares do sem nome e de partidas*, compõe *Cantares do sem nome e de partidas pura canto e piano*.
- 1997 – Publicação, em francês, do volume contendo *A obscena senhora D* e o conto “Com os meus olhos de cão”. Publica *Estar sendo. Ter sido* (ficção) e anuncia seu afastamento do trabalho literário.
- 1998 – Lançamento de *Casos e cartais: crônicas reunidas (1992/1995)* e reedição de *Da morte. Odes mínimas*, em versão bilingüe português/francês.
- 1999 – Publica *Do amor* (poemas escolhidos). Estréia, em São Paulo, a adaptação teatral de *O caderno rosa de Lori Lamby*. Ganha sua primeira página na Internet (<http://www.hildahilst.cb.net>).

- 2000 – Lança *Teatro reunido (volume I)*. Estréia, em Brasília, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. Estréia, na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, o espetáculo *HH informe-se*, reunião e adaptação teatral de textos da autora. Inauguração, em dezembro, da “Exposição Hilda Hilst 70 anos”, evento organizado pela arquiteta Gisela Magalhães no Sesc Pompéia, em São Paulo.
- 2001 – Estréia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. A Editora Globo passa a ser responsável por toda a sua obra publicada até o momento, respeitando-se os prazos de contratos ainda vigentes com outras editoras.
- 2002 – Recebe, da Fundação Bunge, o Prêmio Moynho Santista pelo conjunto de sua obra poética. Ganha, da APCA, o Grande Prêmio da Crítica pela reedição de sua obra pela Editora Globo.
- 2003 – A editora Campo das Letras, da cidade do Porto, adquire os direitos de publicação de *Cartas de um sedutor* em Portugal.